

10 minutos e 38 segundos

neste mundo estranho **Elif Shafak**

Tradução
Julia Romeu

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2021

Sumário

O fim

PARTE 1 | A mente

Um minuto

Dois minutos

Três minutos

A história de Nalan

Quatro minutos

A história de Sinan

Cinco minutos

Seis minutos

Sete minutos

A história de Jameelah

Oito minutos

A história de Zaynab

Nove minutos

Dez minutos

A história de Humeyra

Dez minutos e vinte segundos

Dez minutos e trinta segundos

Últimos oito segundos

PARTE 2 | O corpo

O necrotério

Os cinco

Aquela velha cidade insana

A tristeza

O apartamento

Cidadãs normais

A Mercedes prata

A vista do alto

O plano

Sabotagem

Karma

A estrada

Os malditos

Visitas

A noite

Vodca

Errar é humano

O retorno

De volta à cidade

PARTE 3 | A alma

A ponte

O peixe-beta azul

Epílogo

Nota ao leitor

Glossário

Agradecimentos

Sobre a autora

O fim

O nome dela era Leila.

Leila Tequila, como era conhecida pelos amigos e pelos clientes. Leila Tequila, como era chamada em casa e no trabalho, naquela casa cor de jacarandá numa rua sem saída com chão de paralelepípedo perto do cais, espremida entre uma igreja e uma sinagoga, no meio de lojas de luminárias e lanchonetes de kebab — a rua onde ficavam os bordéis legalizados mais antigos de Istambul.

Mas, se ela te ouvisse dizer isso, talvez se ofendesse e, de brincadeira, atirasse um sapato na sua direção — um de seus sapatos de salto agulha.

— *Era* não, meu bem, *é*... Meu nome *é* Leila Tequila.

Nunca, nem em um milhão de anos, ela deixaria que falassem dela no passado. Só de pensar nisso se sentia pequena e derrotada, e a última coisa que queria no mundo era se sentir assim. Não, Leila iria insistir no tempo presente — apesar de ter se dado conta, com um frio na barriga, de que seu coração tinha acabado de parar de bater, de que sua respiração havia cessado abruptamente e de que, não importava como se encarasse a situação, era inegável que ela estava morta.

Nenhum amigo seu sabia até então. Àquela hora da manhã estavam dormindo profundamente, cada um tentando sair do próprio labirinto de sonhos. Leila desejou estar em casa também, envolta no calor dos cobertores com seu gato enroscado em seus pés, ronronando contente e com sono. O gato de Leila era surdo como uma porta e todo preto — tinha só uma manchinha branca

numa das patas. Ela dera a ele o nome de Sr. Chaplin, em homenagem a Charlie Chaplin — pois, assim como os heróis dos primeiros filmes, ele vivia num mundo de silêncio que era só seu.

Leila Tequila teria dado qualquer coisa para estar em seu apartamento naquele instante. Mas estava ali, nos arredores de Istambul, diante de um campo de futebol úmido e escuro, dentro de uma lata de lixo de metal com alças enferrujadas e a pintura descascada. Era uma lata com rodinhas: tinha pelo menos um metro e vinte de altura e metade disso de largura. A própria Leila tinha um metro e setenta e quatro — além dos vinte centímetros de seus sapatos roxos de salto agulha com tira atrás do calcanhar, que ainda estavam em seus pés.

Havia tanto que ela queria entender. Não parava de lembrar dos últimos instantes de sua vida, se perguntando em que ponto tudo tinha dado errado — um exercício fútil, já que o tempo não podia ser desenrolado como se fosse um novelo de lã. Sua pele já estava assumindo um tom branco-acinzentado, embora as células ainda formigassem de atividade. Leila não pôde deixar de notar que havia muita coisa acontecendo dentro de seus órgãos e de seus membros. As pessoas sempre presumiam que um cadáver fosse tão vivo quanto uma árvore caída ou um tronco oco, desprovido de consciência. Mas, se tivesse recebido a mínima oportunidade, Leila teria jurado que era o contrário: os cadáveres transbordavam de vida.

Ela não podia acreditar que sua existência mortal tinha acabado. No dia anterior, havia atravessado o bairro de Pera, sua sombra deslizando pelas ruas com nomes de militares e heróis nacionais — ruas com nomes de homens. Ainda naquela semana, sua risada ecoara pelos bares de teto baixo de Gálata e Kurtuluş e pelos inferninhos pequenos e abafados de Tophane, nenhum dos quais

jamais aparecia em guias de viagem ou mapas turísticos. A Istambul que Leila conhecera não era a mesma que o Ministério do Turismo queria que os estrangeiros vissem.

Na noite anterior, ela havia deixado suas digitais num copo de uísque e um leve aroma de seu perfume — Paloma Picasso, um presente de aniversário dado por seus amigos — na echarpe de seda que jogara na cama de um estranho, na suíte do último andar de um hotel de luxo. Lá no céu, um pedacinho da lua da noite anterior ainda estava visível, brilhante e inalcançável, como o vestígio de uma lembrança feliz. Ela ainda fazia parte deste mundo, e ainda havia vida dentro dela, então como era possível que estivesse morta? Como era possível que não existisse mais, como se fosse um sonho que se esvai assim que raia o dia? Poucas horas antes, estava cantando, fumando, xingando, pensando... bem, mesmo agora ela ainda estava pensando. Era impressionante como sua mente estava funcionando a todo vapor — mas não havia como saber quanto tempo isso duraria. Ela queria poder voltar e contar para todo mundo que os mortos não morrem instantaneamente, que eles conseguem continuar a refletir sobre as coisas, inclusive sobre o próprio fim. Ela imaginou que as pessoas sentiriam medo se soubessem disso. Ela certamente teria sentido quando estava viva. Mas achou que era importante que eles soubessem.

Leila tinha a impressão de que os seres humanos demonstravam uma profunda impaciência com os marcos de sua existência. Em primeiro lugar, eles presumiam que você automaticamente virava esposa ou marido no momento em que dizia “Sim!”. Mas a verdade era que levava anos para alguém aprender a ser casado. Além disso, a sociedade esperava que os instintos maternos — ou paternais — aparecessem assim que alguém tinha uma criança. Mas, na realidade, podia demorar bastante para a pessoa entender como ser

pai ou mãe — ou avô, ou avó. A mesma coisa acontecia com a aposentadoria e a velhice. Como seria possível mudar a marcha assim que você saísse de um escritório onde tinha passado metade da vida e desistido da maioria dos seus sonhos? Não era tão fácil. Leila tinha conhecido professores aposentados que acordavam às sete, tomavam uma chuveirada, colocavam uma roupa arrumada e desabavam diante da mesa do café, só então se lembrando de que não tinham mais um emprego. Eles ainda estavam se acostumando.

Talvez não fosse muito diferente na hora da morte. As pessoas achavam que você virava um cadáver no instante em que dava seu último suspiro. Mas as coisas não eram tão simples. Assim como havia incontáveis tons entre o preto retinto e o branco brilhante, havia múltiplos estágios no chamado “descanso eterno”. Se havia uma fronteira entre o Reino da Vida e o Reino da Vida Após a Morte, Leila decidiu que ela devia ser tão permeável quanto um solo arenoso.

Ela estava esperando o sol nascer. Certamente, quando isso acontecesse, alguém iria encontrá-la e tirá-la daquela lata de lixo imunda. Leila não achava que as autoridades fossem demorar muito para descobrir quem ela era. Só iam precisar encontrar sua ficha. Ao longo dos anos, ela havia sido revistada, fotografada e fichada mais vezes do que gostava de admitir. Aquelas delegacias largadas às traças tinham um cheiro bem específico: cinzeiros lotados com as guimbas do dia anterior, restos de café em xícaras rachadas, hálito azedo, pano úmido e um fedor intenso vindo dos urinóis que nem toda a água sanitária do mundo era capaz de remover. Os policiais e os bandidos ficavam nas mesmas salas apertadas. Leila sempre tinha achado fascinante o fato de que as células mortas dos policiais e dos criminosos caíam no mesmo chão e eram consumidas pelos mesmos

ácaros, sem privilégios ou parcialidade. Em algum nível, invisível a olho nu, os opostos se misturavam das maneiras mais inesperadas.

Assim que as autoridades a identificassem, Leila imaginava que fossem informar sua família. Seus pais moravam numa cidade histórica chamada Vã — a mil e seiscentos quilômetros de distância. Mas ela não esperava que eles fossem buscar seu corpo, pois a haviam rejeitado há muito tempo.

Você nos cobriu de vergonha. Todo mundo está falando pelas nossas costas.

Então a polícia teria que procurar seus amigos. Os cinco: Sinan Sabotagem, Nalan Nostalgia, Jameelah, Zaynab122 e Humeyra Hollywood.

Leila Tequila tinha certeza de que seus amigos viriam o mais depressa possível. Ela os imaginou correndo em sua direção, com os passos apressados, mas hesitantes, os olhos arregalados de choque e uma tristeza ainda incipiente, uma dor crua que não havia sido absorvida, ainda não. Sentiu-se muito mal por ter de fazê-los passar por algo que claramente seria uma imensa provação. Mas era um alívio saber que os cinco organizariam um enterro magnífico. Com cânfora e olíbano. Com música e flores — principalmente rosas. Rosas de um vermelho incandescente, de um amarelo brilhante, de um vinho intenso... Clássicas, eternas, incomparáveis. Tulipas eram imponentes demais, narcisos eram delicados demais e lírios a faziam espirrar, mas rosas eram perfeitas, uma mistura de glamour sensual com espinhos.

O dia estava raiando devagar. Faixas de cor — *bellinis* de pêssego, martinis de laranja, margaritas de morango, *frozen negronis* — atravessavam o céu acima do horizonte, indo de leste a oeste. Em questão de segundos, chamadas para orações vindas das mesquitas ao redor reverberaram ao redor de Leila, nenhuma delas

sincronizada. Bem longe, o Bósforo, acordando de seu sono turquesa, bocejou com força. Um barco de pesca voltou para o porto com o motor soltando fumaça. Uma onda pesada rolou, lânguida, na direção da praia. Aquela área já tinha sido coberta de lindas oliveiras e figueiras, mas todas tinham sido derrubadas para que surgissem mais prédios e estacionamentos. Em algum lugar na penumbra um cachorro estava latindo, mais por obrigação que por agitação. Ali perto, um pássaro chilreou, alto e ousado, e outro piou de volta, embora com menos jovialidade. O coro da alvorada. Leila agora conseguia ouvir um caminhão de entregas resfolegando na rua desfigurada, caindo num buraco atrás do outro. Logo, o zum-zum-zum do trânsito matinal se tornaria ensurdecador. Era a vida no volume máximo.

Quando estava viva, Leila Tequila sempre ficava meio surpresa, até perturbada, ao conhecer pessoas que sentiam satisfação em especular obsessivamente sobre o fim do mundo. Como era possível que mentes aparentemente sãs pudessem ser tão tomadas por todas aquelas possibilidades loucas envolvendo asteroides, bolas de fogo e cometas causando o caos no planeta? Para Leila, o apocalipse não era a pior coisa que poderia acontecer. A possibilidade da dizimação imediata e completa da civilização não era nem de longe tão assustadora quanto a simples compreensão de que a nossa morte individual não tinha nenhum impacto sobre a ordem das coisas, de que a vida continuaria exatamente igual com ou sem nós. *Isso*, ela sempre pensara, era aterrador.

A brisa mudou de direção e passou a atravessar o campo de futebol. Foi então que Leila os viu. Quatro adolescentes. Catadores de lixo que tinham saído cedo. Dois deles empurravam um carrinho lotado

de garrafas de plástico e latas amassadas. Outro, que tinha os ombros curvados e os joelhos fracos, vinha mais atrás, carregando um saco sujo que continha algo muito pesado. O quarto, evidentemente o líder do grupo, caminhava na frente emanando uma clara arrogância, o peito ossudo estufado como o de um galo de briga. Eles estavam se aproximando dela, conversando e rindo.

Andem mais um pouco.

Os meninos pararam diante de um contêiner de lixo do outro lado da rua e começaram a remexer seu conteúdo. Garrafas de xampu, caixas de suco, potinhos de iogurte, caixas de ovos... cada tesouro era retirado e empilhado no carrinho. Os gestos deles eram ágeis, experientes. Um deles encontrou um chapéu de couro velho. Rindo, colocou-o e saiu andando com uma ginga exagerada, arrogante, as mãos enfiadas nos bolsos de trás para imitar algum gângster que devia ter visto num filme. Num instante, o líder agarrou o chapéu e colocou-o na própria cabeça. Ninguém reclamou. Depois de terem levado tudo o que interessava de dentro do lixo, eles estavam prontos para ir embora. Para o desapontamento de Leila, os meninos pareciam prestes a voltar pelo mesmo caminho, indo na direção contrária à dela.

Ei! Eu estou aqui!

Devagar, como se tivesse escutado o apelo de Leila, o líder ergueu o queixo e olhou para o sol nascente, apertando os olhos. À luz bruxuleante, ele examinou o horizonte, olhando ao redor, até que a viu. Suas sobrancelhas se ergueram, seus lábios tremendo um pouco.

Por favor, não fuja.

Ele não fugiu. Em vez disso, disse algo inaudível para os outros, e então eles também começaram a olhar para Leila com a mesma expressão perplexa. Ela se deu conta de como eles eram jovens.

Ainda eram crianças, apenas jovens imberbes, aqueles meninos que fingiam ser homens.

O líder do grupo deu um passo minúsculo à frente. Depois, deu outro. Caminhou na direção de Leila como um rato se aproximando de uma maçã que caiu — tímido e inseguro, mas, ao mesmo tempo, determinado e rápido. Seu rosto se anuviou quando ele chegou mais perto e viu em que estado ela estava.

Não tenha medo.

Ele estava diante de Leila, tão próximo que ela conseguia ver o branco de seus olhos, vermelhos e cheios de manchas amarelas. Ela percebeu que ele andara cheirando cola, aquele menino que tinha no máximo quinze anos, que Istambul fingiria receber e acolher e, quando ele menos esperasse, jogaria fora como se fosse uma boneca de pano.

Ligue para a polícia, meu filho. Ligue para a polícia, para eles poderem avisar os meus amigos.

O menino olhou para a esquerda e para a direita para se certificar de que não havia ninguém olhando, nenhuma câmera de segurança por perto. Num movimento súbito para a frente, ele esticou a mão para pegar o cordão de Leila — um camafeu de ouro com uma esmeralda minúscula no meio. Com cuidado, como se estivesse com medo de que ele fosse explodir na palma da sua mão, o menino tocou o pingente, sentindo o frio reconfortante do metal. Ele abriu o camafeu. Havia uma foto dentro. O menino a tirou e a examinou por um instante. Reconheceu a mulher — uma versão mais jovem dela; na foto, ela estava com um homem de olhos verdes que tinha um sorriso doce e cabelos longos, penteados num estilo de outra época. Eles pareciam felizes juntos, apaixonados.

Na parte de trás da foto, havia algo escrito: *D/Ali e eu... Primavera de 1976.*

Depressa, o líder do grupo arrancou o pingente e enfiou o butim no bolso. Se os outros, que estavam parados atrás dele em silêncio, perceberam o gesto, então decidiram ignorá-lo. Eles podiam ser jovens, mas tinham experiência o suficiente na vida naquela cidade para saber quando dar uma de espertinho e quando se fazer de burro.

Apenas um deles deu um passo à frente e ousou perguntar, numa voz que não era mais que um sussurro:

— Ela... ela tá viva?

— Para de bobagem — disse o líder. — Tá mortinha da silva.

— Coitada. Quem será?

Jogando a cabeça para o lado, o líder observou Leila, como se estivesse reparando nela pela primeira vez. Olhou-a de cima a baixo, com um sorriso se espalhando no rosto como tinta sobre uma página.

— Não tá vendo, imbecil? É uma puta.

— Será? — perguntou o outro com seriedade. Tímido demais, inocente demais para repetir a palavra.

— Com certeza, idiota.

O líder se voltou para o grupo e disse, alto e num tom enfático:

— Vai dar em todos os jornais. E nos canais de TV! A gente vai ficar famoso! Quando os jornalistas chegarem, deixem que eu falo com eles, tá?

Ao longe, o motor de um carro roncava conforme ele subia a rua na direção da estrada, derrapando ao fazer a curva. O cheiro do escapamento se misturou ao sal da atmosfera. Apesar de ser tão cedo e de o sol estar apenas começando a banhar os minaretes, os telhados e os galhos mais altos das árvores-de-judas, as pessoas

naquela cidade já estavam correndo, já estavam atrasadas para chegar em algum lugar.

PARTE 1
A mente

Um minuto

No primeiro minuto após sua morte, a consciência de Leila Tequila começou a refluir, devagar e sempre, como a maré vazante que se afasta da praia. As células de seu cérebro, já sem sangue, ficaram completamente privadas de oxigênio. Mas elas não pararam de funcionar. Não de imediato. Uma última reserva de energia ativou incontáveis neurônios, fazendo com que eles se conectassem como se fosse a primeira vez. Embora seu coração houvesse parado de bater, seu cérebro resistia, recusando-se a desistir. Ele entrou num estado de consciência aumentada, observando a morte do corpo, mas não disposto a aceitar o próprio fim. A memória de Leila correu adiante, ansiosa e diligente, coletando pedaços de uma vida que se esvaía depressa. Ela se recordou de coisas das quais nem sabia que era capaz de se lembrar, coisas que acreditava estarem perdidas para sempre. O tempo ficou fluido, uma corrente rápida de lembranças se misturando umas às outras, o passado e o presente inseparáveis.

A primeira lembrança que lhe surgiu na mente tinha a ver com sal — a sensação dele na pele e o gosto dele na língua.

Leila se viu quando era bebê — nua, vermelha e lustrosa. Meros segundos antes, ela deixara o útero da mãe e deslizara por uma passagem molhada e escorregadia, tomada por um medo totalmente novo, e então estava num cômodo repleto de sons, cores e coisas desconhecidas. A luz do sol entrava pelos vitrais, pontilhava a colcha sobre a cama e se refletia na água de uma bacia de porcelana, embora fosse um dia gelado de janeiro. Uma mulher

idosa vestida com os tons das folhas no outono — a parteira — mergulhou uma toalha naquela mesma água e torceu-a, fazendo o sangue escorrer por seu antebraço.

— *Mashallah, mashallah*. É menina.

A parteira pegou um pedaço de sílex que tinha enfiado no sutiã e cortou o cordão umbilical. Ela nunca usava uma faca ou uma tesoura para fazer isso, acreditando que sua eficiência fria não combinava com a complicada tarefa de receber um bebê neste mundo. A velha era muito respeitada na região e, por todas as suas excentricidades e sua mania de reclusão, era considerada um dos sobrenaturais — aquelas pessoas cuja personalidade tinha dois lados, um da terra e outro do espírito, e que a qualquer momento podiam mostrar um ou outro, como uma moeda atirada no ar.

— É menina — repetiu a mãe, deitada na cama de ferro forjado com dossel, o cabelo cor de mel embaraçado e molhado de suor, e a boca seca como areia.

Ela temia isso. No começo do mês, dera uma caminhada no jardim procurando teias de aranha nos galhos altos e, ao encontrar uma, enfiara devagar o dedo nela, furando-a. Durante dias, tinha voltado ao mesmo lugar para verificar. Se a aranha consertasse o buraco, isso significaria que o bebê seria menino. Mas a teia tinha continuado rasgada.

O nome da moça era Binnaz e significava “Mil Encantos”. Ela tinha dezenove anos de idade, embora se sentisse bem mais velha naquele ano. Tinha lábios grossos e generosos, um nariz delicado e arrebitado que era considerado uma raridade naquela região do país, um rosto comprido com um queixo pontudo e olhos grandes e escuros com manchas azuis como os ovos de um estorninho. Sempre tinha sido esguia e franzina, mas parecia ainda mais naquele momento, em sua camisola de linho bege. Tinha algumas leves

cicatrizes de varíola nas bochechas; certa vez, sua mãe dissera que aquilo era um sinal de que o luar tinha feito um carinho nela enquanto ela dormia. Ela sentia saudades da mãe, do pai e dos nove irmãos, que moravam todos numa aldeia a muitas horas de viagem dali. Sua família era muito pobre — um fato que viviam lembrando a ela desde que entrara naquela casa, logo depois de se casar:

Seja grata. Quando você chegou aqui, não tinha nada.

Binnaz muitas vezes pensava que ainda não tinha nada; suas posses eram tão efêmeras e sem raízes quanto sementes de dente-de-leão. Bastaria um vento forte, uma chuvarada, para que elas sumissem. Era um peso para Binnaz imaginar que poderia ser expulsa daquela casa a qualquer momento; e, se isso acontecesse, para onde ela iria? Seu pai nunca iria aceitá-la de volta, não com tantas bocas para alimentar. Binnaz teria que se casar de novo — mas não havia garantia de que seu próximo casamento fosse ser mais feliz ou de que ela fosse gostar mais do marido novo. E, de qualquer maneira, quem iria querê-la, uma mulher divorciada, *usada*? Com o fardo dessas desconfianças, Binnaz vagava pela casa, pelo seu quarto, pela própria cabeça, como uma visita que tinha aparecido sem ser convidada. Quer dizer, até aquele momento. Binnaz garantia para si mesma que tudo seria diferente depois que a criança nascesse. Ela não iria mais se sentir desconfortável, insegura.

Quase contra a vontade, Binnaz olhou para a porta. Lá, com uma das mãos no quadril e a outra na maçaneta, como se estivesse decidindo se ficava ou se ia embora, estava uma mulher corpulenta de maxilar quadrado. Embora ela tivesse quarenta e poucos anos, as manchas da idade em suas mãos e as rugas ao redor da boca fina como uma lâmina a faziam parecer mais velha. Sua testa era

atravessada por vincos profundos, desiguais e enormes como os de um campo arado. A maioria de suas rugas era resultado de seus hábitos de fumar e franzir a testa. A mulher passava o dia inteiro fumando tabaco contrabandeado do Irã e tomando goles de chá contrabandeado da Síria. Seu cabelo cor de tijolo — graças a doses generosas de henna egípcia — estava partido no meio e preso numa trança perfeita que lhe chegava quase à altura da cintura. Seus olhos castanho-esverdeados tinham sido cuidadosamente delineados com o *kohl* mais escuro que havia. Ela era a primeira esposa do marido de Binnaz: Suzan.

Por um instante, as mulheres se encararam. O ar ao seu redor parecia espesso e com cheiro de fermento, como uma massa deixada para crescer. Elas tinham passado mais de doze horas no mesmo quarto, mas, naquele momento, tinham sido atiradas em mundos diferentes. Ambas sabiam que, com o nascimento daquela criança, suas posições na família mudariam para sempre. A segunda esposa, apesar de ser jovem e ter chegado recentemente, seria promovida e colocada no topo.

Suzan desviou o olhar, mas não por muito tempo. Quando voltou a encarar Binnaz, havia uma dureza em seu rosto que não estava ali antes. Ela indicou a bebê com a cabeça.

— Por que ela não está fazendo nenhum barulho?

Binnaz ficou lívida.

— É mesmo. Tem alguma coisa errada?

— Não tem nada errado — disse a parteira, olhando com raiva e frieza para Suzan. — Basta esperar.

A parteira lavou a bebê com água benta do poço de Zamzam, trazida por um peregrino que tinha acabado de voltar do *Hajj*. Limpou o sangue, o muco e o vérnix. A recém-nascida se revirou, incomodada, e continuou a se remexer mesmo depois de limpa,

como se estivesse brigando consigo mesma, com todo o seu corpinho de três quilos e setecentos gramas.

— Posso pegar? — perguntou Binnaz, enroscando o cabelo nas pontas dos dedos, um hábito ansioso que tinha desenvolvido no último ano. — Ela... ela não está chorando.

— Ah, mas esta menina *vai* chorar — disse a parteira num tom decisivo.

No mesmo instante, ela mordeu a língua, enquanto a afirmação ecoava como um mau augúrio. Depressa, a parteira cuspiu no chão três vezes e pisou no pé esquerdo com o pé direito. Isso impediria a premonição de ir muito longe — se é que era uma premonição.

Um silêncio constrangedor se instalou enquanto todas que estavam no quarto — a primeira esposa, a segunda esposa, a parteira e duas vizinhas — olhavam para a bebê com expectativa.

— O que é? Falem a verdade — disse Binnaz para ninguém em particular, com um fiapo de voz.

Depois de sofrer seis abortos espontâneos em poucos anos, cada um deles mais devastador que o anterior e mais difícil de esquecer, ela tinha sido extremamente cuidadosa ao longo de toda aquela gravidez. Não tinha encostado em nenhum pêssigo, para o bebê não nascer coberto por uma penugem; não tinha usado nenhuma especiaria e nenhuma erva ao fazer comida, para o bebê não ter sardas nem verrugas; não tinha cheirado nenhuma rosa, para o bebê não nascer com marcas de nascença cor de vinho do porto. Não tinha cortado o cabelo nenhuma vez, para não cortar a sorte também. Não tinha pregado nenhum prego na parede, para não correr o risco de bater por engano na cabeça de um trasgo que estivesse dormindo. Depois que escurecia, Binnaz, que sabia muito bem que os jinn faziam suas festas de casamento ao redor das privadas, não saía mais do quarto e usava um penico. Coelhos,

ratos, gatos, abutres, porcos-espinhos, cachorros vadios — Binnaz tinha evitado olhar para todos. Até quando um músico ambulante aparecera na rua deles acompanhado por um urso dançando e todos os locais saíram para ver o espetáculo, ela se recusara a ir, com medo de o bebê nascer peludo. E, sempre que se deparava com um mendigo ou um leproso, e sempre que via um carro fúnebre, saía correndo na direção contrária. Comia um marmelo inteiro todos os dias, para que o bebê tivesse covinhas, e dormia todas as noites com uma faca embaixo do travesseiro para afastar os maus espíritos. E, em segredo, depois de cada pôr do sol, pegava fios de cabelo da escova de Suzan e os queimava na lareira, para diminuir o poder da primeira mulher do seu marido.

Assim que as dores do parto começaram, Binnaz mordeu uma maçã vermelha, doce e amolecida pelo sol. A fruta agora estava na mesa de cabeceira, escurecendo devagar. Essa mesma maçã, mais tarde, seria cortada em várias fatias e dada para as mulheres da vizinhança que não conseguiam engravidar, para que elas também pudessem ter um filho um dia. Binnaz também tinha bebido um *sherbet* de romã que tinha sido derramado no sapato direito do marido, espalhado sementes de erva-doce nos quatro cantos do quarto e pulado por cima de uma vassoura colocada no chão ao lado da porta — uma fronteira para não deixar *Sheitan* entrar. Conforme as contrações iam ficando mais fortes, um por um, todos os animais presos da casa foram soltos para facilitar o parto. Os canários, os pintassilgos... O último a ser libertado foi o peixe-beta do aquário redondo, orgulhoso e solitário. Naquele momento, ele devia estar nadando num riacho não muito longe dali, com as nadadeiras longas e fluidas, azuis como safiras. Se o peixinho chegasse ao lago alcalino que dava fama àquela cidade do leste da Anatólia, não teria muita chance de sobreviver em sua água gasosa

e salgada. Mas, se ele fosse na direção contrária, poderia chegar ao Grande Zab e, um pouco mais adiante, talvez até entrasse no Tigre, aquele rio lendário que brotava no Jardim do Éden.

Tudo isso tinha sido feito para o bebê nascer são e salvo.

— Eu quero ver a menina. A senhora pode me dar a minha filha?

Assim que Binnaz pediu isso, um movimento chamou sua atenção. Silenciosa como um pensamento, Suzan abriu a porta e saiu, sem dúvida para dar a notícia ao marido dela — ao marido *delas*. O corpo todo de Binnaz se enrijeceu.

Haroun tinha dois lados diametralmente opostos. Num dia, era extraordinariamente generoso e caridoso. No outro, egocêntrico e distraído ao ponto de ser insensível. Era o mais velho de três irmãos e tinha criado os dois mais novos sozinho depois que os pais morreram num acidente de carro que destruía seu mundo. A tragédia moldara sua personalidade, fazendo-o proteger demais sua família e desconfiar de estranhos. Às vezes, Haroun reconhecia que algo dentro dele tinha se quebrado e desejava muito poder consertar, mas esses pensamentos nunca o levavam a lugar nenhum. Ele gostava de álcool e temia a religião no mesmo nível. Ao tomar mais um copo de *raki*, fazia promessas grandiosas para os amigos com quem estava bebendo e, depois, quando ficava sóbrio, sentia o peso da culpa e fazia promessas ainda mais grandiosas para Alá. Haroun tinha dificuldade de controlar a boca e mais dificuldade ainda de controlar o corpo. Toda vez que Binnaz engravidava, sua barriga inchava junto com a dela — não muito, mas o suficiente para fazer os vizinhos rirem pelas suas costas.

— O homem está grávido de novo! — diziam eles, revirando os olhos. — Que pena que não pode parir ele mesmo.

Haroun queria um *filho homem* mais do que qualquer coisa no mundo. Um só, não. Dizia a qualquer pessoa disposta a escutar que iria ter quatro filhos, a quem daria os nomes de Tarkan, Tolga, Tufan e Tarik.* De seu longo casamento com Suzan, não viera nenhuma criança. Os anciãos da família, então, encontraram Binnaz — uma menina que mal tinha completado dezesseis anos. Após semanas de negociações entre as duas famílias, Haroun e Binnaz tinham se casado numa cerimônia religiosa. Não era uma cerimônia oficial e, se alguma coisa desse errado no futuro, não seria reconhecida pelos tribunais seculares, mas esse era um detalhe que ninguém tinha se importado em mencionar. Os dois se sentaram no chão, diante das testemunhas, na frente do imã vesgo cuja voz se tornou mais áspera quando ele trocou do turco para o árabe. Binnaz manteve os olhos fixos no tapete o tempo todo, mas não se conteve e deu algumas olhadas de soslaio para os pés do imã. As meias dele, da cor marrom-clara da argila cozida, eram velhas e gastas. Sempre que ele se mexia, um de seus dedões ameaçava furar a lã puída, procurando um jeito de escapar.

Logo depois do casamento, Binnaz ficou grávida, mas acabou sofrendo um aborto espontâneo que quase a matou. Pânico na madrugada, pontadas de dor que eram como lâminas incandescentes, uma mão gelada agarrando sua virilha, cheiro de sangue, a necessidade de segurar alguma coisa, como se ela estivesse caindo, caindo. Em cada gravidez subsequente, aconteceu a mesma coisa, só que pior. Binnaz não podia contar para ninguém, mas tinha a impressão de que, com cada bebê perdido, mais um pedaço da ponte de corda que a ligava ao resto mundo se quebrava e caía, até sobrar apenas um fio muito frágil fazendo essa ligação, mantendo sua sanidade.

Após três anos de espera, os anciãos da família começaram a pressionar Haroun de novo. Lembraram a ele que o Alcorão permite que um homem tenha até quatro esposas, contanto que seja justo com elas, e disseram não ter dúvidas de que Haroun trataria todas as suas esposas de forma igual. Insistiram que ele procurasse uma camponesa daquela vez, talvez até uma viúva já com filhos. Esse casamento também não seria oficial, mas poderia facilmente ser celebrado com uma cerimônia religiosa, tão discreta e rápida quanto a primeira. Outra alternativa era ele se divorciar daquela jovem esposa inútil e se casar de novo. Até então, Haroun tinha recusado ambas as sugestões. Disse que já era difícil sustentar duas esposas; uma terceira seria sua ruína financeira, e ele não tinha intenção de abandonar Suzan nem Binnaz. Gostava de ambas, embora por motivos diferentes.

Naquele momento, ao se recostar nos travesseiros, Binnaz tentou imaginar o que Haroun estaria fazendo. Ele devia estar deitado num sofá no outro quarto, com uma das mãos na testa e a outra na barriga, esperando o som estridente do choro de bebê. Então, ela imaginou Suzan caminhando em sua direção, com os passos lentos, controlados. Viu os dois juntos, sussurrando um para o outro, com gestos fáceis e acostumados, moldados por anos dividindo o mesmo espaço, ainda que não a mesma cama. Perturbada pelos próprios pensamentos, Binnaz disse, mais para si mesma do que para qualquer outra pessoa:

— Suzan foi contar para ele.

— Não tem problema — disse uma das vizinhas, em tom tranquilizador.

Havia tanta coisa insinuada naquele comentário. *Deixe que Suzan dê a notícia para ele, já que não pôde lhe dar ela própria um bebê.*

Palavras não ditas ligavam as mulheres daquela cidade como os varais ligavam as casas.

Binnaz assentiu, mesmo que sentisse algo escuro fermentando dentro dela, uma raiva que nunca tinha colocado para fora. Ela olhou para a parteira e perguntou:

— Por que a bebê ainda não fez nenhum barulho?

A parteira não respondeu. Um nó de nervoso tinha aparecido no fundo do seu estômago. Havia algo de estranho naquela bebê, e não era apenas o silêncio perturbador. Debruçando-se, ela cheirou a menina. Bem que tinha desconfiado: sentiu um aroma de talco e almíscar que não era deste mundo.

Colocando a recém-nascida sobre seus joelhos, a mulher a virou de bruços e lhe deu duas palmadas na bunda. O rostinho registrou o choque, a dor. Os punhos se fecharam, os lábios se contraíram num bico, mas nem assim ela fez barulho.

— Qual é o problema?

A parteira suspirou.

— Nada. É que... acho que ela ainda está com *eles*.

— Com quem? — perguntou Binnaz.

Mas, sem querer ouvir a resposta, acrescentou depressa:

— Então faça alguma coisa!

A velha refletiu. Era melhor a bebê encontrar o próprio caminho, no próprio ritmo. A maioria dos recém-nascidos se adaptava imediatamente ao novo ambiente, mas alguns escolhiam esperar, como se não soubessem se deviam ou não se juntar ao resto da humanidade. E quem poderia culpá-los? Em todos aqueles anos, a parteira tinha visto muitos bebês que, momentos antes do nascimento ou logo depois, ficavam tão intimidados pela força da vida fazendo pressão de todos os lados que perdiam a coragem e iam embora deste mundo em silêncio. As pessoas chamavam isso de

kader — destino — e não diziam mais nada, porque as pessoas sempre dão nomes simples para as coisas complexas que as amedrontam. Mas a parteira acreditava que alguns bebês simplesmente escolhiam não experimentar a vida, como se soubessem das provações que havia pela frente e preferissem evitá-las. Será que eles eram covardes ou será que eram tão sábios quanto o próprio Salomão? Quem poderia ter certeza?

— Tragam sal — disse a parteira para as mulheres da vizinhança.

Ela também poderia ter usado neve, se houvesse o suficiente do lado de fora. Já havia mergulhado muitos recém-nascidos em pilhas de neve branquinha, arrancando-os delas no momento exato. O choque do frio abria seus pulmões, fazia seu sangue circular, aumentava sua imunidade. Essas crianças tinham, sem exceção, virado adultos fortes.

Dali a pouco tempo, as vizinhas voltaram com uma tigela grande de plástico e um saco de sal de rocha. A parteira colocou a menina carinhosamente no meio da tigela e começou a esfregar sua pele com flocos de sal. Quando a bebê parasse de ter o cheiro deles, os anjos teriam que libertá-la. Lá fora, nos galhos mais altos do choupo, um pássaro azul piou — pelo som, era um gaio-azul. Um corvo solitário grasnou conforme voava na direção do sol. Tudo falava usando uma linguagem própria — o vento, a grama. Tudo, menos aquela criança.

— Será que ela é muda? — disse Binnaz.

A parteira ergueu as sobrancelhas.

— Tenha paciência.

Bem naquela hora, a bebê começou a tossir. Era um som áspero, vibrante. A menina devia ter engolido um pouco de sal e sentido o gosto forte, inesperado. Ela ficou escarlate, estalou os lábios e fez

uma careta, mas, mesmo assim, se recusou a chorar. Como era teimosa, que alma perigosamente rebelde tinha. Não seria o suficiente apenas esfregá-la com sal. Foi então que a parteira tomou uma decisão. Ela teria que usar uma abordagem diferente.

— Tragam mais sal.

Como não havia mais sal de rocha na casa, teria que ser sal refinado mesmo. A parteira fez um buraco na pilha, colocou a menina dentro e cobriu-a inteira com os cristais brancos; primeiro o corpo, depois a cabeça.

— E se ela sufocar? — perguntou Binnaz.

— Não se preocupe, os bebês conseguem prender a respiração por mais tempo do que a gente.

— Mas como a senhora sabe a hora de tirar a bebê daí?

— Psiu! Ouça — disse a velha, colocando um dos dedos sobre os lábios ressecados.

Debaixo da camada de sal, a menina abriu os olhos e observou aquele nada cor de leite. Era solitário ali dentro, mas ela estava acostumada com a solidão. Ela se enroscou, como fazia havia meses, e esperou.

Suas entranhas disseram: *Ah, gostei daqui. Não vou mais lá para cima, não.*

Seu coração protestou: *Não seja boba. Por que ficar num lugar onde nunca acontece nada? É chato.*

Por que sair de um lugar onde nunca acontece nada? É seguro, disseram as entranhas.

Espantada com aquela briga, a menina esperou. Passou-se mais um minuto inteiro. O vazio fez redemoinhos e quebrou em ondas ao redor dela, tocando as pontas de seus dedos das mãos e dos pés.

Só porque você acha que aqui é seguro, não significa que é o lugar certo para você, retrucou seu coração. *Às vezes, o lugar onde você se sente mais*

segura é aquele ao qual você menos pertence.

Afinal, a menina chegou a uma conclusão. Ia escutar seu coração — aquele que a iria acabar metendo em tantas enrascadas. Ansiosa para sair e descobrir o mundo, apesar de seus perigos e dificuldades, ela abriu a boca, pronta para emitir um som — mas, quase no mesmo segundo, o sal entrou pela sua garganta e bloqueou seu nariz.

Imediatamente, a parteira, com movimentos rápidos e certos, enfiou a mão na tigela e tirou-a de lá. Um grito alto e apavorado tomou o quarto. As quatro mulheres sorriram de alívio.

— Muito bem, menina — disse a parteira. — Por que demorou tanto? Chore, meu bem. Nunca tenha medo das suas lágrimas. Chore, que assim todo mundo vai saber que você está viva.

A velha enrolou a bebê num xale e cheirou-a de novo. Aquele aroma encantador do outro mundo tinha evaporado, deixando apenas o mais leve vestígio. Com o tempo, ele também iria desaparecer — embora ela conhecesse diversas pessoas que, mesmo na velhice, ainda tinham um cheirinho do Paraíso. Mas não sentiu necessidade de contar isso para ninguém. Ficando na ponta dos pés, colocou a recém-nascida na cama, ao lado da mãe.

Binnaz abriu um sorriso, com o coração agitado. Tocou os dedinhos do pé da filha por cima do tecido sedoso — eram perfeitos, lindos e assustadoramente frágeis. Carinhosamente, segurou os cachinhos dela com as mãos em concha, como se estivesse carregando água benta. Por um instante, se sentiu feliz, completa.

— Ela não tem covinhas — comentou ela, rindo sozinha.

— Podemos chamar seu marido? — perguntou uma das vizinhas.

Aquela também era uma frase repleta de palavras não ditas. Àquela altura, Suzan já devia ter dito a Haroun que o bebê tinha nascido. Então, por que ele não tinha entrado correndo no quarto? Claramente, tinha ficado ali conversando com a primeira mulher, tranquilizando-a. Essa fora sua prioridade.

Uma sombra passou pelo rosto de Binnaz.

— Sim, podem chamar.

Não foi preciso. Em poucos segundos, Haroun chegou, arrastando os pés com os ombros curvados, saindo das sombras e deixando-se iluminar pelo sol. Ele tinha uma mecha de cabelos grisalhos que lhe dava um ar de pensador preocupado, um nariz aristocrático com narinas apertadas, um rosto largo e bem barbeado e olhos castanho-escuros com os cantos virados para baixo que estavam brilhando de orgulho. Sorrindo, aproximou-se da cama. Olhou para a bebê, para a segunda mulher, para a parteira, para a primeira mulher e, afinal, para o céu.

— Alá, obrigado, Senhor. Minhas preces foram ouvidas.

— É menina — disse Binnaz baixinho, para o caso de ele ainda não saber.

— Eu sei. O próximo vai ser menino. Vamos dar o nome de Tarkan.

Ele passou o dedo indicador pela testa da bebê, lisa e cálida como um amuleto preferido que já tinha sido esfregado demais.

— Ela é saudável, é isso que importa — disse. — Eu fiquei o tempo todo rezando. Disse ao Todo-Poderoso: “Se o Senhor permitir que esse bebê viva, eu não bebo mais. Nem mais uma gota!” Alá ouviu meu pedido. Ele é misericordioso. Esse bebê não é meu, nem é seu.

Binnaz o olhou, espantada e confusa. De repente, foi tomada por um mau agouro, como um animal selvagem que sente —

embora tarde demais — que está prestes a cair numa armadilha. Ela olhou de soslaio para Suzan, que estava parada na entrada do quarto, com os lábios tão apertados que estavam quase brancos; em silêncio e imóvel, a não ser pelo pé que batia no chão. Algo em seu comportamento indicava que estava empolgada, quase em êxtase.

— Essa bebê pertence a Deus — disse Haroun então.

— Todos os bebês pertencem a Deus — murmurou a parteira.

Sem prestar atenção nela, Haroun segurou a mão da esposa mais jovem e olhou bem em seus olhos.

— Nós vamos dar essa bebê para Suzan.

— Como assim? — perguntou Binnaz roucamente, achando a própria voz inexpressiva e distante, a voz de uma estranha.

— Vamos deixar Suzan criar a menina. Ela vai fazer isso muito bem. Eu e você vamos fazer mais filhos.

— Não!

— Você não quer ter mais filhos?

— Eu não vou deixar aquela mulher levar minha filha.

Haroun inspirou fundo e soltou a respiração devagar.

— Não seja egoísta. Alá não vai gostar. Ele te deu uma filha, não deu? Seja grata. Você estava quase passando fome quando chegou aqui nesta casa.

Binnaz começou a sacudir a cabeça e continuou sacudindo, sem saber se era porque não conseguia parar ou porque aquela era a única coisinha que era capaz de controlar. Haroun se debruçou e segurou-a pelos ombros, puxando-a para perto. Foi só então que ela ficou quieta e a luz em seus olhos ficou menos brilhante.

— Você não está sendo racional. Nós estamos todos na mesma casa. Você vai ver sua filha todos os dias. Ela não vai sair daqui, ora.

Talvez ele tenha pretendido consolar Binnaz com aquelas palavras, mas não adiantou. Tremendo para tentar conter a dor que

lhe rasgava o peito, ela cobriu o rosto com as palmas das mãos.

— E quem minha filha vai chamar de mamãe?

— Que diferença isso faz? Suzan fica sendo a mamãe. Você fica sendo a titia. Nós contamos a verdade quando ela for mais velha, não precisa confundir a cabecinha da menina agora. Quando nós tivermos mais filhos, eles todos vão ser irmãos, de qualquer maneira. Vão fazer a maior bagunça aqui nesta casa, você vai ver. Ninguém vai saber quem é filho de quem. Vamos ser uma grande família.

— Quem vai dar o peito à criança? — perguntou a parteira. — A mamãe ou a titia?

Haroun olhou para a velha com todos os músculos do corpo retesados. A reverência e o ódio dançavam selvagememente em seus olhos. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um monte de objetos: um maço de cigarros dobrado com um isqueiro enfiado dentro, notas amassadas, um pedaço de giz que usava para marcar alterações nas roupas, um comprimido para dor de estômago. O dinheiro ele entregou para a parteira.

— Para a senhora. Com a nossa gratidão — disse.

Com os lábios apertados, a velha aceitou o pagamento. Ela havia aprendido que, para passar pela vida o mais incólume possível, era preciso seguir dois princípios fundamentais: saber a hora certa de chegar e a hora certa de ir embora.

Conforme as vizinhas começaram a arrumar suas coisas e a remover os lençóis e as toalhas encharcados de sangue, o silêncio tomou o quarto como se fosse água, se entranhando em todos os cantos.

— Nós já vamos — disse a parteira, num tom decisivo e calmo, com as duas vizinhas postadas timidamente uma de cada lado. — Vamos enterrar a placenta debaixo de uma roseira. E isso... — continuou, apontando com um dedo ossudo o cordão umbilical que tinha sido atirado sobre uma cadeira. — ... se o senhor quiser, podemos jogar no telhado da escola. Sua filha vai ser professora. Ou podemos levar para o hospital. Ela vai ser enfermeira, ou, quem sabe, até médica.

Haroun pensou nas opções.

— Tentem a escola.

Depois que as mulheres foram embora, Binnaz virou o rosto para não olhar para o marido e ficou encarando a maçã que estava na mesa de cabeceira. Ela estava apodrecendo: uma morte suave e tranquila, dolorosamente lenta. O marrom da fruta a fez lembrar das meias do imã que os casara, e de como, após a cerimônia, ela havia ficado sentada sozinha naquela mesma cama, com um véu furta-cor lhe cobrindo o rosto, enquanto, no cômodo ao lado, seu marido e os convidados se refestelavam com um banquete. Sua mãe não lhe dissera absolutamente nada sobre o que esperar na noite de núpcias, mas uma tia mais velha e mais solidária lhe dera uma pílula para colocar debaixo da língua. *Tome isso que você não vai sentir nada. Quando perceber, já acabou.* Na comoção do dia, Binnaz tinha perdido a pílula, que ela, de qualquer maneira, desconfiava ser apenas uma pastilha. Ela nunca tinha visto um homem nu, nem em foto, e, embora houvesse com frequência dado banho em seus irmãos menores, imaginava que o corpo de um homem adulto fosse diferente. Quanto mais Binnaz esperava até que o marido entrasse no quarto, mais ansiosa ia ficando. Assim que ouviu os passos dele, ela perdeu os sentidos e desabou no chão. Quando abriu os olhos, viu as mulheres da vizinhança esfregando

nervosamente seus pulsos, umedecendo sua testa, massageando seus pés. Havia um cheiro forte no ar, de vinagre e água-de-colônia, e um leve aroma de outra coisa, algo estranho e repentino, que ela mais tarde descobriria estar vindo de um tubo de lubrificante.

Depois, quando eles dois estavam sozinhos, Haroun deu a Binnaz um colar feito de uma fita vermelha e três moedas de ouro, uma para cada uma das virtudes que ela iria trazer para aquela casa: juventude, docilidade e fertilidade. Ao ver o quanto ela estava nervosa, ele usou um tom gentil, sua voz parecendo se dissolver no escuro. Ele foi carinhoso, mas sabia muito bem que as pessoas estavam esperando do outro lado da porta. Despiu-a depressa, talvez com medo de que desmaiasse de novo. Binnaz ficou o tempo todo com os olhos fechados, o suor brotando em sua testa. Ela começou a contar — *Um, dois, três... quinze, dezesseis, dezessete* — e continuou a fazer isso mesmo quando Haroun disse:

— Pare com essa bobagem!

Binnaz era analfabeta e só sabia contar até dezenove. Todas as vezes que chegava àquele último número, àquela fronteira intransponível, começava de novo. Após o que lhe pareceram ser infinitos números dezenove, Haroun se levantou da cama e saiu marchando do quarto, deixando a porta aberta. Suzan então entrou depressa e acendeu a luz, sem prestar atenção na nudez dela ou no cheiro de suor e sexo que havia no ar. A primeira esposa arrancou o lençol, examinou-o e, então, claramente satisfeita, desapareceu sem dizer uma palavra. Binnaz passou o resto da noite sozinha, com uma fina camada de melancolia se assentando sobre seus ombros como se fosse neve. Quando ela se lembrou de tudo aquilo, agora que a filha acabara de nascer, escapou-lhe dos lábios um som estranho, que poderia ter sido uma risada se não estivesse ocultando tanta dor.

— Ora — disse Haroun. — Não é...

— Isso foi ideia dela, não foi? — disse Binnaz, interrompendo-o, algo que nunca tinha feito antes. — Ela pensou nisso agora? Ou vocês estão tramando há meses pelas minhas costas?

— Você não pode estar falando sério.

Haroun parecia assustado, mas talvez menos com as palavras dela que com o tom que ela usava. Com a mão esquerda, ele acariciou os pelos das costas da mão direita, com o olhar desfocado e preocupado.

— Você é jovem — disse. — Suzan está ficando velha. Ela nunca vai ter um filho. Dê-lhe esse presente.

— E eu? Quem vai me dar um presente?

— Alá, é claro. Ele já deu, você não está vendo? Não seja ingrata.

— Eu tenho que ser grata por isso?

Binnaz fez um pequeno movimento trêmulo, um gesto tão vago que poderia ter se referido a qualquer coisa — àquela situação, ou talvez àquela cidade, que naquele momento, para ela, parecia mais uma roça num mapa velho qualquer.

— Você está cansada — disse Haroun.

Binnaz começou a chorar. Não eram lágrimas de raiva ou ressentimento. Eram lágrimas de resignação, do tipo de derrota que se equipara à perda de uma fé maior. O ar em seus pulmões parecia pesado como chumbo. Ela era uma criança quando tinha chegado àquela casa e, agora que tivera uma filha, não lhe permitiriam criá-la e crescer junto com ela. Binnaz enlaçou os joelhos com os braços e passou um longo tempo sem dizer nada. Assim, naquele momento, o assunto foi encerrado — embora, na verdade, ele fosse ficar em aberto para sempre, essa ferida no meio de suas vidas que jamais se curaria.

Do lado de fora da janela, um vendedor ambulante, empurrando seu carrinho rua acima, pigarreou e bradou elogios aos seus damascos, dizendo que estavam maduros e suculentos. Dentro da casa, Binnaz pensou: *Que estranho!* Não estava na época dos damascos doces, mas na dos ventos gelados. Ela tremeu como se o frio, ao qual o ambulante parecia indiferente, houvesse penetrado pelas paredes, desviando-se do homem e indo até ela. Binnaz fechou os olhos, mas a escuridão não ajudou. Ela viu bolas de neve empilhadas em pirâmides ameaçadoras. Estavam desabando sobre ela como uma enxurrada, molhadas e duras, com pedregulhos dentro. Uma das bolas atingiu seu nariz, e depois vieram outras, caindo depressa e aos montes. Outra atingiu seu lábio inferior, cortando-o. Binnaz abriu os olhos, ofegante. Era real ou era só um sonho? Hesitante, ela tocou o nariz. Estava sangrando. Também tinha um fio de sangue no queixo. *Que estranho,* pensou de novo. Será que mais ninguém via que ela estava sentindo uma dor horrível? E se ninguém mais via, queria dizer que tudo aquilo estava só na sua cabeça, que era só faz de conta?

Aquele não foi o primeiro contato de Binnaz com uma doença mental, mas foi o mais vívido. Mesmo anos mais tarde, sempre que ela se perguntava quando e como sua sanidade lhe escapara, como um ladrão saindo pela janela no meio da noite, era desse momento que se lembrava: o momento que acreditava tê-la debilitado para sempre.

Naquela mesma tarde, Haroun ergueu a bebê, virou-se para Meca e recitou o *azan*, o chamado para a oração, no ouvido direito dela.

— Você, minha filha, você, que, se Alá quiser, vai ser a primeira de muitas crianças sob este teto, você que tem os olhos

escuras como a noite, eu vou te dar o nome de Leyla. Mas você não vai ser uma Leyla qualquer. Eu também vou lhe dar os nomes da minha mãe. Sua *nine* era uma mulher honrosa; era muito religiosa, como tenho certeza de que você vai ser um dia. Seu nome vai ser Afife — “Casta, Imaculada”. E Kamile — “Perfeição”. Você vai ser recatada, respeitável, pura como a água...

Haroun parou de falar, perturbado pela ideia de que nem toda água era pura. Ele acrescentou, mais alto do que pretendia, só para ter certeza de que não haveria nenhuma confusão celestial, de que Deus não iria entender errado:

— Água da fonte, limpa, sem nódoas... Todas as mães de Vã vão brigar com as filhas e dizer: “Por que você não pode ser igual a Leyla?” E os maridos vão dizer para as esposas: “Por que você não teve uma menina igual a Leyla?”

Enquanto isso, a bebê continuava tentando enfiar o punho na boca, torcendo o lábio e fazendo uma careta sempre que fracassava.

— Você vai me encher de orgulho — continuou Haroun. — Fiel à sua religião, fiel ao seu país, fiel ao seu pai.

Frustrada consigo mesma, e afinal se dando conta de que seu punho cerrado simplesmente era grande demais, a bebê desatou a chorar, como se estivesse decidida a compensar o silêncio que tinha mantido assim que nascera. Ela foi logo entregue a Binnaz, que, sem hesitar, começou a lhe dar o peito, com uma dor que queimava se irradiando ao redor seus mamilos, como uma ave de rapina voando em círculos.

Mais tarde, quando a bebê dormiu, Suzan, que estava esperando num canto, se aproximou da cama, tomando o cuidado de não fazer nenhum barulho. Evitando olhar para Binnaz, ela tirou a menina da mãe.

— Eu trago de volta quando ela chorar — disse Suzan, engolindo em seco. — Não se preocupe, eu vou cuidar bem dela.

Binnaz não respondeu nada, com o rosto tão pálido e gasto quanto um prato velho de porcelana. Nada emanava dela, a não ser o som de sua respiração, fraca, mas inconfundível. Seu ventre, sua mente, aquela casa... até o lago ancestral, onde diziam que muitos amantes desesperados tinham se afogado, tudo parecia esvaziado e seco. Tudo, menos seus peitos doloridos e inchados, de onde escorriam riachinhos de leite.

Então, a sós no quarto com o marido, Binnaz esperou que ele dissesse alguma coisa. Não era um pedido de desculpas que queria ouvir, mas um reconhecimento da injustiça que iriam cometer com ela e da dor imensa que isso lhe causaria. Mas ele também não disse nada. E assim, aquela menina nascida numa família com um marido e duas esposas, no dia 6 de janeiro de 1947, na cidade de Vã — “a Pérola do Leste” —, recebeu o nome de Leyla Afife Kamile. Nomes autoconfiantes, grandiloquentes e nada ambíguos. Bastante errados, pelo que se veria mais tarde. Pois, embora fosse verdade que ela levava a noite nos olhos, como era apropriado para alguém chamado Leyla, logo se tornaria claro que seus dois outros nomes de batismo estavam longe de ser adequados.

Ela não era perfeita, para começo de conversa; seus muitos defeitos atravessaram sua vida como rios subterrâneos. Na verdade, era a personificação ambulante da imperfeição — pelo menos foi o que se tornou assim que aprendeu a andar. E quanto à castidade, o tempo provaria que, por motivos que fugiriam a seu controle, isso também não teria muito a ver com ela.

A intenção era que fosse Leyla Afife Kamile, cheia de virtudes, repleta de méritos. Mas, anos mais tarde, depois de ter chegado a Istambul sozinha e sem dinheiro; depois de ter visto o mar pela

primeira vez, maravilhada com a maneira como aquele infinito azul se estendia até o horizonte; depois de ter notado que seus cachos ficavam crespos no ar úmido; depois de ter acordado certa manhã numa cama estranha ao lado de um homem que nunca tinha visto antes e com um peso tão grande no peito que achou que nunca mais fosse conseguir respirar; depois de ter sido vendida para um bordel onde foi forçada a fazer sexo com algo entre dez e quinze homens por dia num quarto com um balde verde de plástico no chão, onde caía a água que pingava do teto sempre que chovia... muito tempo depois de tudo isso, ela seria conhecida por seus cinco queridos amigos, por seu único amor eterno e por seus muitos clientes como Leila Tequila.

Quando os homens perguntavam por que ela escolhera escrever Leila com “i” e não com “y”, o que acontecia com frequência, e queriam saber se tinha feito isso para parecer mais ocidental ou exótica, ela ria e dizia que um dia tinha ido ao *bazaar* e trocado o “y” de “yesterday” pelo “i” de “infinity”:** e pronto.

No final das contas, nada disso iria fazer a menor diferença para os jornais que noticiaram seu assassinato. A maioria não se incomodou em mencionar seu nome, considerando as iniciais suficientes. A mesma foto ilustrou quase todos os artigos — uma fotografia antiga na qual Leila estava irreconhecível, da época dos últimos anos de escola. Os editores poderiam ter escolhido uma imagem mais recente, é claro, até mesmo a foto de uma das fichas de Leila na polícia — mas tiveram medo de que a maquiagem pesada e o decote profundo dela pudessem ofender a sensibilidade da nação.

A morte dela também apareceu num noticiário nacional na noite do dia 29 de novembro de 1990. Foi depois de uma longa reportagem sobre uma Resolução do Conselho de Segurança da

ONU que autorizava a intervenção militar no Iraque; sobre as consequências da renúncia feita às lágrimas pela Dama de Ferro na Grã-Bretanha; sobre a tensão que continuava a existir entre a Grécia e a Turquia após episódios de violência na Trácia Ocidental, saques feitos em lojas que pertenciam a pessoas de etnia turca e a expulsão mútua do cônsul turco em Comotini e do cônsul grego em Istambul; sobre a junção dos times de futebol da Alemanha Oriental e da Alemanha Ocidental após a unificação dos dois países; sobre a mudança na constituição que deixaria de exigir que uma mulher casada tivesse a permissão do marido para trabalhar fora; e sobre a proibição de fumar nos voos da Turkish Airlines, apesar dos protestos furiosos de fumantes do país todo.

No final do noticiário, uma faixa de um amarelo vivo surgiu na parte de baixo da tela: *Prostituta é encontrada morta em lata de lixo da cidade: quarta vítima em um mês. Pânico se espalha entre as profissionais do sexo de Istambul.*

Notas

* Que significam, respectivamente, “Valente e Forte”, “Capacete Militar”, “Chuva Torrencial” e “O Caminho para Chegar a Deus”. (N. A.)

** “Yesterday” significa “ontem” e “infinity”, “infinito”. (N. T.)

Dois minutos

Dois minutos depois que seu coração parou de bater, a mente de Leila se lembrou de dois gostos contrastantes: limão e açúcar.

Era junho de 1953. Leila viu-se aos seis anos, com fartos cachos castanhos ao redor do rosto fino e frágil. Tinha um apetite imenso, principalmente por *baklava* de pistache, barrinhas de gergelim e tudo o que fosse saboroso, mas continuava magra como uma vara de bambu. Filha única. Solitária. Inquieta, saltitante e sempre um pouco distraída, Leila atravessava os dias como uma peça de xadrez que tinha rolado para fora do tabuleiro, obrigada a inventar brincadeiras complexas para uma pessoa só.

A casa deles em Vã era tão grande que até os sussurros ecoavam. Sombras dançavam nas paredes como dentro de uma imensa caverna. Uma longa escada curva de madeira levava da sala de estar até o primeiro andar. A porta de entrada era enfeitada com azulejos pintados com uma variedade de cenas estonteantes: pavões exibindo suas plumas; queijos redondos e pães trançados ao lado de cálices de vinho; pratos de romãs cortadas com seus sorrisos de rubi; e campos de girassóis virando ansiosamente os pescoços na direção do sol, como amantes que sabiam que jamais teriam seu amor retribuído da maneira que desejavam. Leila era fascinada por essas imagens. Alguns dos azulejos estavam rachados ou quebrados; outros estavam parcialmente cobertos por um gesso ordinário, embora as cores vívidas de seus desenhos continuassem visíveis. A menina suspeitava que, juntos, eles contavam uma história

ancestral, mas, por mais que tentasse, não conseguia entender qual era.

Nos corredores, havia alcovas douradas com lampiões a óleo, velas de sebo, tigelas de cerâmica e outros objetos efêmeros de decoração. Tapetes com borlas cobriam todo o assoalho de madeira — tapetes afegãos, persas, curdos e turcos de todos os tons e com todas as estampas possíveis. Leila caminhava a esmo de quarto em quarto, segurando os objetos contra o peito e sentindo suas superfícies — algumas ásperas, outras lisas — como uma cega dependente do tato. Partes da casa eram entulhadas de objetos, mas, estranhamente, até nelas Leila sentia uma ausência. Um grande relógio de carrilhão batia as horas na sala mais usada, com seu pêndulo de metal oscilante e seu som estrondoso, alto demais, alegre demais. Muitas vezes, Leila sentia uma coceira na garganta e temia ter inalado pó de muito tempo atrás — apesar de saber que cada um daqueles itens era limpo, encerado e polido religiosamente. A faxineira vinha todos os dias e uma vez por semana havia uma “grande faxina”. No começo de cada estação, acontecia uma faxina ainda maior. E se qualquer coisa escapasse a alguém, sem dúvida a tia Binnaz veria e esfregaria com bicarbonato de sódio, pois tinha mania de querer tudo, como ela dizia, “mais branco que o branco”.

A mãe de Leila tinha lhe explicado que a casa costumava ser de um médico armênio e da esposa dele. O casal tinha seis filhas, e todas adoravam cantar e tinham vozes que iam do grave até o bem agudo. O médico era um homem muito querido que permitia que seus pacientes fossem se hospedar em sua casa de tempos em tempos. Ele acreditava piamente que a música era capaz de curar até mesmo o pior dos ferimentos da alma humana e, por isso, obrigava todos os seus pacientes a tocarem um instrumento, sem se

importar se tinham talento ou não. Enquanto eles tocavam — e alguns tocavam horrivelmente —, as filhas do médico cantavam em uníssono, e a casa balançava como um bote em alto-mar. Tudo isso foi antes do começo da Primeira Guerra Mundial. Pouco depois, eles desapareceram de repente e deixaram tudo para trás. Durante algum tempo, Leila não entendia para onde eles tinham ido nem por que nunca mais tinham voltado. O que acontecera com eles — com o médico, a família, e todos aqueles instrumentos que um dia tinham sido árvores altas e imponentes?

Então o avô de Haroun, Mahmoud, um influente *agha* curdo, tinha se mudado para lá com os parentes. A casa fora uma recompensa dada pelo governo otomano pelo papel que ele tivera no processo de deportação dos armênios da área. Resoluto e diligente, ele tinha seguido as ordens de Istambul sem hesitar. Se as autoridades decidiam que certas pessoas eram traidoras e deviam ser enviadas para o Deserto de Deir Zor, onde poucos tinham esperanças de sobreviver, então era isso que iria acontecer — mesmo se essas pessoas fossem bons vizinhos, velhos amigos. Depois de provar sua lealdade ao estado, Mahmoud se tornou um homem importante. Os habitantes do lugar admiravam a simetria perfeita de seu bigode, o brilho de suas botas de couro pretas e a grandiloquência de sua voz. Tinham por ele aquele respeito que se tinha, desde o início dos tempos, pelas pessoas cruéis e poderosas — um respeito que continha um medo abundante e nem o menor rastro de amor.

Mahmoud decretara que tudo na casa deveria ser preservado — e realmente foi durante algum tempo. Mas havia boatos de que, logo antes de saírem da cidade, os armênios, sem poder levar seus objetos de valor, tinham escondido potes cheios de moedas e baús repletos de rubis em algum lugar ali perto. Logo, Mahmoud e os

parentes puseram-se a cavar no jardim, no pátio, nos porões... nem um centímetro da propriedade deixou de ser revirado. Sem conseguir encontrar nada, eles começaram a quebrar as paredes, sem nunca parar para pensar que, mesmo se achassem o tesouro, ele não lhes pertenceria. Quando finalmente desistiram, a casa tinha virado um monte de destroços e teve que ser reconstruída de dentro para fora. Leila sabia que o pai, que na infância testemunhara aquela atividade frenética, ainda acreditava que havia uma caixa de ouro em algum lugar, riquezas indescritíveis ao alcance das mãos. Algumas noites, quando ela fechava os olhos e caía no sono, sonhava com joias brilhando ao longe, como vagalumes nos campos durante o verão.

Não que Leila tivesse interesse em dinheiro quando era criança. Preferia certamente ter no bolso uma barra de chocolate com avelã ou um chiclete Zambo, cuja embalagem tinha a foto de uma mulher negra com enormes argolas nas orelhas. Seu pai encomendava essas iguarias para ela lá de Istambul. Ela sentia, com uma pontinha de inveja, que tudo que havia de novo e interessante vinha de Istambul. Era uma cidade de maravilhas e curiosidades. Um dia, pensava Leila, ela iria para lá — uma promessa que fez para si mesma e escondeu de todo mundo, como uma ostra que oculta a pérola dentro de si.

Leila adorava servir chá para suas bonecas, ver as trutas nadando nos rios de água fria e olhar as estampas dos tapetes até que as formas parecessem ganhar vida; mas o que ela amava acima de tudo era dançar. Queria muito virar uma dançarina do ventre famosa um dia. Era uma fantasia que teria horrorizado seu pai se ele soubesse até que ponto Leila tinha imaginado os detalhes: as lantejoulas brilhantes, as saias com moedas, o clique-claque dos pequenos címbalos; sacudindo e rodando os quadris ao ra-ta-tá dos

derbakes; encantando a plateia até que esta batesse palmas sincronizadas cada vez mais depressa; e girando e fazendo espirais num *gran finale*. Só de pensar nisso, Leila sentia o coração bater mais rápido. Mas Baba sempre dizia que dançar era uma das táticas mais antigas usadas por *Sheitan* para levar os seres humanos para o mau caminho — uma de muitas. Com perfumes inebriantes e cacarecos sem valor, o demônio seduzia primeiro as mulheres, pois elas eram fracas e emotivas; e depois, usava as mulheres para atrair os homens para sua armadilha.

Por ser um alfaiate muito procurado, Baba fazia para as senhoras as roupas *alla franga* que estavam na moda: vestidos evasê, vestidos lápis, saias rodadas, blusas com gola Peter Pan, blusas de frente única, calças capri. Entre suas clientes regulares, havia esposas de oficiais do exército, de funcionários públicos, de inspetores de fronteiras, de engenheiros ferroviários e de mercadores de especiarias. Ele também vendia uma enorme coleção de chapéus, luvas e boinas — peças elegantes e sedosas que jamais permitiria que as mulheres de sua própria família usassem.

Como seu pai era contra dançar, sua mãe também era — embora Leila percebesse que ela não parecia tão convicta disso quando não havia ninguém por perto. A mamãe virava outra pessoa quando elas estavam a sós. Deixava Leila desfazer sua trança, pentear e voltar a trançar seus cabelos vermelhos de henna, passar creme clareador em seu rosto cheio de rugas e colocar vaselina com pó de carvão em seus cílios para deixá-los mais escuros. Cobria a filha de abraços e elogios, fazia pompons chamativos de todas as cores do arco-íris, amarrava castanhas-da-índia com pedaços de barbante e jogava cartas. Não fazia nada disso na frente de outras pessoas. Era especialmente reservada quando a tia Binnaz estava por perto.

— Se sua tia vir a gente se divertindo, pode se sentir mal — dizia a mãe. — Você não deveria me beijar na frente dela.

— Por que não?

— Bom, ela nunca teve filhos. A gente não quer partir o coração dela, quer?

— Não tem problema, mamãe. Eu beijo vocês duas.

A mamãe deu uma tragada no cigarro.

— Não se esqueça, minha vida, que sua tia é doente da cabeça. Assim como a mãe dela, pelo que me disseram. Está no sangue. Insanidade hereditária. Parece que todas as gerações têm. A gente tem que tomar cuidado para não deixar sua tia aborrecida.

Quando a titia ficava aborrecida, ela tinha uma tendência a se machucar. Arrancava tufo do próprio cabelo, arranhava o rosto e cutucava tanto a pele com a unha que tirava sangue. A mamãe contava que, no dia em que tivera Leila, a titia, que estava esperando na porta, por inveja ou por algum outro motivo perverso, tinha dado um soco na própria cara. Quando lhe perguntaram por que tinha feito aquilo, ela disse que um vendedor de damascos estava atirando bolas de neve nela lá da rua, pela janela. Damascos em janeiro! Não fazia o menor sentido. Todos eles ficaram com medo, achando que a titia tinha ficado maluca. A menina ouvia essa história — e muitas outras que eram contadas diversas vezes — com fascínio e horror.

Mas a titia nem sempre parecia se machucar de propósito. Em primeiro lugar, era tão desajeitada que parecia uma criancinha dando os primeiros passos. Queimava os dedos nas grelhas quentes, batia os joelhos nos móveis, caía da cama quando estava dormindo, cortava as mãos em vidro quebrado. Tinha manchas roxas tristes e cicatrizes vermelhas inflamadas pelo corpo todo.

As emoções da titia oscilavam como o pêndulo do relógio de carrilhão. Em alguns dias, ela estava cheia de energia, incansável, correndo de uma tarefa para a outra. Varria os tapetes furiosamente, passava um pano úmido em todas as superfícies, colocava para ferver lençóis que tinha lavado na noite anterior, esfregava o chão durante horas a fio e borrifava um desinfetante malcheiroso na casa toda. Suas mãos eram vermelhas e descamadas, e nunca ficavam macias, apesar de a titia viver passando gordura de carneiro nelas. Sempre seriam ásperas, pois ela as lavava dúzias de vezes por dia, e nem assim se convenciam de que estavam limpas o suficiente. Nada estava, na verdade. Em outras ocasiões, ela parecia tão esgotada que mal conseguia se mexer. Até respirar parecia ser um esforço enorme.

Também havia aqueles dias nos quais a titia parecia não ter nenhuma preocupação. Relaxada e radiante, ela passava horas brincando com Leila no jardim. Juntas, elas penduravam pedaços de tecido nos galhos cheios de flores das macieiras, e diziam que eram bailarinas; bem tranquilamente, faziam cestinhos de vime ou coroas de margaridas; amarravam fitas nos chifres do carneiro que seria sacrificado no próximo Eid. Certa vez, cortaram, às escondidas, a corda usada para prender o bicho no galpão. Mas, ao contrário do que elas queriam, o carneiro não fugiu. Depois de vagar para lá e para cá procurando grama fresca, voltou para o mesmo lugar, considerando a familiaridade da escravidão mais tranquilizadora que o estranho chamado da liberdade.

Leila e a tia adoravam transformar toalhas de mesa em vestidos e olhar as mulheres nas revistas, imitando suas posturas eretas e seus sorrisos confiantes. De todas as modelos e atrizes que estudavam com cuidado, havia uma que admiravam mais: Rita Hayworth. Seus cílios eram como flechas, suas sobrancelhas, como arcos; sua

cintura era mais fina que um copo de chá, sua pele, mais macia que a seda. Ela poderia ter sido aquilo que todos os poetas otomanos tinham procurado, se não fosse por um errinho minúsculo: tinha nascido na época errada e lá longe, nos Estados Unidos.

Por mais curiosidade que elas sentissem pela vida de Rita Hayworth, podiam apenas ver suas fotos, já que nenhuma das duas sabia ler. Leila ainda não tinha começado a frequentar a escola; já a tia jamais pusera os pés em uma. Não tinha escola na vila onde a tia Binnaz passara a infância, e seu pai não permitira que ela atravessasse a estrada esburacada para ir e voltar da cidade todos os dias junto com os irmãos homens. Eles não tinham sapatos suficientes para todos e, de qualquer maneira, ela precisava cuidar dos irmãos mais novos.

Ao contrário da titia, a mamãe sabia ler e tinha muito orgulho disso. Ela lia receitas, passava todos os dias as folhas do calendário que ficava pendurado na parede e até se informava com alguns artigos nos jornais. Era a mamãe quem contava as notícias do mundo para elas: no Egito, um grupo de oficiais militares tinha declarado que o país agora era uma república; nos Estados Unidos, tinham executado um casal acusado de espionagem; na Alemanha Oriental, milhares de pessoas tinham marchado em protesto contra as políticas do governo e sido massacradas pelos ocupantes soviéticos; e na Turquia, lá em Istambul, que às vezes parecia ficar em outro país, estava acontecendo um concurso de beleza, com moças fazendo pose de maiô na passarela. Grupos religiosos tinham saído às ruas para denunciar o concurso como imoral, mas os organizadores estavam decididos a levá-lo adiante. As nações se civilizavam com três coisas fundamentais, diziam eles: ciência, educação e concursos de beleza.

Sempre que Suzan lia essas notícias em voz alta, Binnaz desviava o olhar depressa. Uma veia pulsava em sua têmpora esquerda, um sinal silencioso, mas constante, de perturbação. Leila tinha pena da tia, encontrando algo de reconhecível e quase reconfortante na vulnerabilidade dela. Mas também sentia que, naquela questão, não iria poder ficar do seu lado para sempre. Estava louca para ir logo para a escola.

Cerca de três meses antes, Leila encontrara, atrás de um armário de cedro que havia no topo da escada, uma porta bamba que dava para o teto da casa. Alguém devia tê-la deixado aberta, convidando para entrar uma brisa fresca e revigorante que trazia o cheiro do alho silvestre que crescia estrada abaixo. Desde então, ela visitara o telhado quase todos os dias.

Sempre que Leila olhava para a cidade que se espalhava lá embaixo e apurava os ouvidos para captar o canto da águia-de-botas voando bem alto sobre o lago que brilhava ao longe, ou as buzinas dos flamingos procurando comida nos bancos de areia, ou os pios das andorinhas que zuniam por entre os amieiros, tinha certeza de que, se tentasse, também iria conseguir voar. O que seria preciso para criar asas e deslizar pelos céus, despreocupada e leve? A área era habitada por garças cinzentas e brancas, patos-de-rabo-alçado, pernalongas, asas-carmim, rouxinóis-pequenos-dos-caniços, guardas-rios-do-papo-branco e caimões, que os locais chamavam de “sultanas”. Um casal de cegonhas tinha tomado posse da chaminé e construído um ninho impressionante, galhinho por galhinho. Elas tinham ido embora, mas Leila sabia que iriam voltar. Sua tia lhe dissera que as cegonhas, ao contrário dos seres humanos, eram fiéis às suas lembranças. Uma vez que um lugar

houvesse se tornado seu lar, elas voltavam para lá, mesmo que estivessem a quilômetros de distância.

Após cada visita ao telhado, a menina descia pé ante pé, tomando cuidado para não ser vista. Não tinha dúvida de que, se a mãe a visse, ela estaria encrencada.

Mas, naquela tarde de junho de 1953, a mamãe estava ocupada demais para prestar atenção nela. A casa estava cheia de convidadas — todas mulheres. Isso acontecia sem falta duas vezes por mês: no dia da leitura do Alcorão e no dia de depilar as pernas com cera. No primeiro, um imã muito velho vinha fazer um sermão e ler um trecho do livro sagrado. As mulheres da vizinhança ficavam sentadas num silêncio respeitoso, com os joelhos muito juntos, as cabeças cobertas, mergulhadas em suas reflexões. Se uma das crianças que estava andando pela casa soltasse um pio, alguém fazia “psiu” na mesma hora.

Quando era dia de depilação nas pernas, acontecia o contrário. Sem nenhum homem por perto, as mulheres usavam muito pouca roupa. Ficavam desabadas no sofá com as pernas abertas, os braços nus, os olhos brilhantes de quem estava com vontade de fazer alguma bobagem, mas tentando se controlar. Tagarelando sem parar, elas soltavam palavrões que faziam as mais novas ficarem vermelhas como rosas. Leila não conseguia acreditar que aquelas criaturas selvagens fossem as mesmas que ouviam o imã com tanta atenção.

Aquele dia era dia de depilação com cera de novo. Sentadas nos tapetes e em banquinhos e cadeiras, as mulheres tomavam cada centímetro da sala de estar, segurando pratos de doces e copos de chá. Um cheiro enjoativo vinha da cozinha, onde a cera borbulhava no fogão. Era feita de água, limão e açúcar. Quando a mistura estivesse pronta, todas iriam começar o trabalho, rápidas e

sérias, estremecendo ao puxar aquelas faixas grudentas da pele. Mas, por enquanto, a dor podia esperar: elas estavam fofocando e se banquetando até se fartarem.

Observando as mulheres do corredor, Leila ficou momentaneamente paralisada, procurando em seus movimentos e interações alguma pista que indicasse qual seria seu futuro. Naquela época, ela estava convencida de que, quando crescesse, seria como elas. Uma criança de dois ou três anos no colo, um bebê nos braços, um marido a quem obedecer, uma casa para manter impecável — essa seria sua vida. A mamãe tinha lhe contado que, quando ela nascera, a parteira jogara o cordão umbilical no telhado da escola, para que ela virasse professora, mas Baba não queria que isso acontecesse. Não mais. Algum tempo atrás, ele tinha conhecido um xeique que lhe explicara que era melhor as mulheres ficarem em casa, e, nas raras ocasiões em que precisassem sair, se cobrirem. Ninguém queria comprar tomates que já tivessem sido tocados, apertados e maculados por outros clientes. Era melhor todos os tomates do mercado serem cuidadosamente embrulhados e preservados. Com as mulheres, era a mesma coisa. O *hijab* era seu embrulho, a armadura que as protegia de olhares sugestivos e toques indesejados.

A mamãe e a titia, portanto, tinham começado a cobrir as cabeças — ao contrário da maioria das mulheres da vizinhança, que seguiam à risca a moda do ocidente, usando os cabelos em penteados bufantes, em permanentes bem cacheados ou presos em coques elegantes como os de Audrey Hepburn. A mamãe tinha resolvido usar um xador preto quando saía, mas a titia escolhera lenços supercoloridos de chiffon que ela amarrava bem firmes embaixo do queixo. As duas tomavam o maior cuidado para não mostrar nem um fio de cabelo. Leila tinha certeza de que em breve

seguiria os passos delas. A mamãe lhe dissera que, quando esse dia chegasse, elas iriam ao *bazaar* juntas comprar o lenço mais lindo do mundo e um casaco comprido combinando.

— Eu ainda vou poder usar minha fantasia de dançarina do ventre por baixo?

— Bobinha — dissera a mamãe, sorrindo.

Perdida em pensamentos, Leila então passou pé ante pé pela sala de estar e foi para a cozinha. A mamãe tinha começado a trabalhar duro lá dentro de manhã bem cedo, assando *börek*, fazendo chá e preparando a cera. Leila não conseguia de jeito nenhum entender por que alguém iria querer passar aquela iguaria doce nas pernas cabeludas em vez de comê-la, como ela alegremente fazia.

Ao entrar na cozinha, Leila se surpreendeu ao encontrar outra pessoa lá dentro. A tia Binnaz estava de pé sozinha diante do balcão, segurando uma longa faca de serra que refletia a luz do sol da tarde. Leila teve medo de que ela fosse se machucar. A tia precisava tomar cuidado, pois acabara de anunciar que estava grávida — de novo. Ninguém falava no assunto, com medo do *nazar* — o mau-olhado. Baseada em suas experiências anteriores, Leila imaginava que, nos meses seguintes, conforme a gravidez da tia fosse se tornando mais evidente, os adultos ao redor dela iriam começar a se comportar como se sua barriga crescente fosse resultado de um enorme apetite ou de um inchaço crônico. Era isso que tinha acontecido até então — quanto maior a tia ficava, mais invisível se tornava para os outros. Era como se estivesse se apagando a olhos vistos, como uma fotografia largada no asfalto sob um sol inclemente.

Leila deu um passo à frente, com cuidado, e ficou observando.

A tia, um pouco debruçada diante do que parecia ser uma pilha de salada, não pareceu notar sua presença. Estava olhando

fixamente para o jornal aberto sobre o balcão, com os olhos penetrantes contrastando fortemente com a pele pálida. Com um suspiro, ela pegou um punhado de alface e começou a cortar as folhas ritmicamente sobre uma tábua; logo, a faca estava se movendo tão depressa que virou um borrão.

— Titia?

A mão parou de se mexer.

— Hummm.

— O que você está olhando?

— Os soldados. Ouvi dizer que eles estavam voltando.

Ela apontou para a fotografia no jornal e, por um momento, as duas ficaram olhando a legenda abaixo, tentando entender as bolinhas e minhoquinhas pretas enfileiradas como um batalhão de infantaria.

— Ah, então seu irmão vai chegar em casa logo, logo.

Um dos irmãos da titia estava entre os cinco mil soldados turcos enviados para a Coreia. Eles estavam ajudando os americanos, dando apoio aos coreanos do bem que estavam lutando contra os coreanos do mal. Como os soldados turcos não falavam nem inglês nem coreano, e como os soldados americanos provavelmente também ignoravam qualquer língua que não fosse a sua própria, a menina se perguntava como seria possível todos aqueles homens com seus rifles e pistolas se comunicarem. E, se eles não conseguiam se comunicar, como conseguiam se entender? Mas aquele não era o momento certo de fazer aquela pergunta. Então, em vez de perguntar, Leila deu um sorriso largo.

— A senhora deve estar animada!

A titia fechou a cara.

— Por que eu ia estar animada? Quem sabe quando é que vou ver meu irmão de novo, se é que vou ver um dia? Já faz tanto

tempo. Meus pais, meus irmãos, minhas irmãs... Nunca mais vi ninguém. Eles não têm dinheiro para viajar e eu não posso ir até lá. Eu tenho saudade da minha família.

Leila não soube como responder. Sempre tinha imaginado que *eles* eram a família da titia. Como era uma criança que gostava de agradar, achou melhor mudar de assunto:

— A senhora está preparando comida para as visitas?

Ao perguntar isso, foi examinar a alface picada que estava empilhada sobre a tábua de cortar. Viu algo entre as tiras verdes que a fez arfar de susto: minhoquinhas cor-de-rosa, algumas cortadas em pedaços, outras ainda se retorcendo.

— Eca! O que é isso?

— É para os bebês. Eles amam.

— Bebês? — repetiu Leila, com um frio na barriga.

Obviamente, a mamãe estava certa: a titia tinha um problema na cabeça. Os olhos da menina deslizaram até o chão. Ela viu que a tia estava descalça; as solas de seus pés estavam ressecadas e rachadas nas laterais, como se ela tivesse andado quilômetros para chegar até ali. Leila ficou pensando naquilo: talvez a titia fosse sonâmbula, talvez desaparecesse na escuridão farfalhante todas as noites e corresse para casa ao alvorecer, com a respiração formando nuvens no ar frio. Talvez passasse de fininho pelo portão do jardim, escalasse o cano, pulasse a grade da varanda e entrasse sem fazer barulho em seu quarto, tudo sem abrir os olhos. E se um dia ela não conseguisse se lembrar do caminho de volta?

Se a titia tivesse o hábito de perambular pelas ruas à noite, Baba saberia. Infelizmente, Leila não podia perguntar a ele. Aquele era um dos muitos assuntos nos quais ela não podia tocar. A menina ficava intrigada por ela e a mãe dormirem no mesmo quarto, enquanto o pai e a tia ficavam num outro quarto, no andar de cima.

Quando ela perguntou por que isso acontecia, a mamãe respondeu que a titia tinha medo de ficar sozinha, pois brigava com demônios quando estava dormindo.

— A senhora vai comer isso? — perguntou Leila. — Vai passar mal.

— Eu não! Já disse que é para os bebês.

Binnaz deu-lhe um olhar tão inesperado e tão doce quanto uma joaninha pousando em seu dedo.

— Você não viu os bebês? Eles estão lá no telhado. Achei que você vivia lá em cima.

Leila ergueu as sobrancelhas, surpresa. Nunca tinha desconfiado de que a tia pudesse estar visitando seu lugar secreto. Mesmo assim, não ficou preocupada. A titia tinha um quê fantasmagórico: ela não tomava posse das coisas, apenas flutuava através delas. De qualquer maneira, a menina tinha certeza de que não havia nenhum bebê no telhado.

— Você não acredita em mim, não é? Acha que eu sou maluca. Todo mundo acha que eu sou maluca.

Havia tanta mágoa na voz da mulher, tanta tristeza enchendo seus olhos lindos que, por um instante, Leila ficou sem saber o que fazer. Envergonhada por seus pensamentos, tentou compensar:

— Não é verdade. Eu sempre acredito na senhora!

— Tem certeza? É uma coisa séria acreditar em alguém. Você não pode sair dizendo isso, assim. Se acreditar mesmo, tem que apoiar a pessoa sempre. Mesmo quando os outros disserem coisas horríveis sobre ela. Você é capaz de fazer isso?

A menina assentiu, feliz em aceitar o desafio.

Satisfeita, a tia sorriu.

— Então eu vou lhe contar um segredo. Um bem grande. Promete não contar para ninguém?

— Prometo — disse Leila imediatamente.

— Suzan não é sua mãe.

Leila arregalou os olhos.

— Quer saber quem é sua mãe de verdade?

Silêncio.

— Fui eu que tive você. Era um dia frio, mas tinha um homem vendendo damasco doce na rua. Não é esquisito? Se eles descobrirem que eu te contei, vão me mandar de volta para a vila. Ou talvez me tranquem num manicômio, e a gente nunca mais vai se ver. Entendeu?

A menina assentiu, com o rosto inerte.

— Que bom. Então, bico calado.

A titia voltou ao trabalho, cantarolando baixinho. O caldeirão que borbulhava, as mulheres que tagarelavam na sala de estar, as colheres de chá que tilintavam nos copos... até o carneiro no jardim parecia querer se juntar ao coro, balindo uma melodia própria.

— Tive uma ideia — disse a titia Binnaz de repente. — Da próxima vez que tivermos visitas, vamos colocar minhocas na cera delas. Imagine todas essas mulheres saindo correndo de casa sem roupa, com as minhocas grudadas nas pernas!

Ela riu tanto que ficou com lágrimas nos olhos. Fez um movimento brusco para trás, tropeçou num cesto e o derrubou, fazendo com que as batatas que estavam lá dentro saíssem rolando para todos os lados.

Leila abriu um sorriso sem querer. Tentou se acalmar. Tinha que ser uma piada. Como era possível que não fosse? Ninguém na família levava a titia a sério. Por que ela deveria levar? As afirmações da tia tinham o mesmo peso que as gotas de orvalho na grama fria ou os suspiros de uma borboleta.

Naquele mesmo instante, Leila resolveu esquecer o que tinha ouvido. Sem dúvida, era a coisa certa a fazer. Mas uma semente de dúvida continuou a incomodá-la. Parte dela queria descobrir uma verdade para a qual o resto dela não estava preparado, talvez jamais estivesse. Leila não pôde deixar de sentir que algo continuava não resolvido entre elas, como uma mensagem truncada numa onda de rádio com interferência, correntes de palavras que, ainda que comunicadas, não conseguiam formar nada coerente.

Cerca de meia hora depois, segurando uma colher com uma bolota de cera, Leila foi se sentar no lugar de sempre no telhado, com as pernas penduradas para fora como um par de brincos compridos. Embora não chovesse havia semanas, as telhas estavam escorregadias e ela se moveu com cuidado, sabendo que, se caísse, poderia quebrar um osso — e que, mesmo se escapasse de se quebrar na queda, talvez não escapasse das mãos da mãe.

Quando terminou de comer o doce, com a concentração de um artista de circo na corda bamba, Leila foi bem devagar até a ponta do telhado, onde quase nunca se aventurava. Parou na metade do caminho e estava prestes a dar meia-volta quando percebeu um som — era suave e abafado, como uma mariposa batendo contra o vidro de um lampião. Então, o som se intensificou. Mil mariposas. Curiosa, Leila foi naquela direção. E lá, atrás de uma pilha de caixas, dentro de uma grande gaiola de metal, havia pombos. Muitos, muitos pombos. Em ambos os lados da gaiola, havia tigelas de água e comida. Os jornais abertos embaixo tinham algumas manchas de cocô, mas, fora isso, pareciam razoavelmente limpos. Alguém estava cuidando bem deles.

A menina bateu palmas, rindo. Uma onda de ternura foi subindo dentro dela, acariciando sua garganta como as bolhas de sua bebida preferida, *gazoz*. Leila sentiu uma vontade de proteger a tia, apesar de suas fragilidades — ou talvez por causa delas. Mas esse sentimento logo foi apagado por uma sensação confusa. Se a tia Binnaz estava certa em relação aos pombos, sobre o que mais estaria certa? E se ela fosse mesmo sua mãe? As duas tinham o mesmo nariz pequeno e arrebitado e as duas espirravam assim que acordavam, como se tivessem uma leve alergia aos primeiros raios de sol. Também tinham o estranho hábito de assoviar quando passavam manteiga e geleia na torrada, e de cuspir as sementes quando comiam uvas, ou as peles quando comiam tomate. Leila tentou lembrar o que mais ela e a tia tinham em comum, mas só conseguia pensar em uma coisa: aqueles anos todos, ela tinha sentido medo de ciganos de mentira que sequestravam crianças pequenas e as transformavam em mendigos esqueléticos; mas talvez devesse ter temido as pessoas com quem morava. Talvez tivessem sido elas que a haviam arrancado dos braços de sua mãe.

Pela primeira vez, Leila conseguiu ver a si mesma e à sua família com distanciamento, e o que descobriu a deixou desconfortável. Ela sempre presumira que eles eram uma família normal, como qualquer outra no mundo. Agora, não tinha mais tanta certeza. E se houvesse algo de diferente neles — algo intrinsecamente errado? Leila ainda não sabia que o fim da infância não acontece quando o corpo de uma criança muda na puberdade, mas quando sua mente afinal consegue enxergar sua vida pelos olhos de um estranho.

Ela começou a entrar em pânico. Amava sua mãe e não queria pensar coisas ruins dela. Também amava Baba, embora tivesse medo dele às vezes. Envolvendo-se com os braços para se consolar e inspirando até encher os pulmões, refletiu sobre aquele dilema.

Não sabia mais em que acreditar, em que direção ir; era como se estivesse perdida numa floresta, com caminhos que trocavam de lugar e se multiplicavam diante de seus olhos. Quem era mais confiável na família: o pai, a mãe ou a tia? Leila olhou ao redor, como se buscasse uma resposta. Nada tinha mudado. Mas, dali em diante, tudo seria diferente.

Conforme os gostos de limão e açúcar derretiam na sua língua, suas emoções também se dissolveram e se embaralharam. Anos mais tarde, Leila passaria a considerar aquele momento como a primeira vez em que se deu conta de que nem tudo é o que parece. Assim como o azedo podia se esconder por baixo do doce, e vice-versa, dentro de cada mente sã havia um vestígio de insanidade, e nas profundezas da loucura brilhava uma semente de lucidez.

Até aquele dia, Leila tinha tomado o cuidado de não demonstrar o amor que sentia pela mãe quando a tia estava por perto. Dali em diante, também teria que esconder da mãe o amor que sentia pela tia. Leila compreendeu que a ternura sempre deve ser oculta — que essas coisas só podem ser reveladas a portas fechadas, e jamais discutidas depois. Essa foi a única forma de afeição que ela aprendeu com os adultos, e a lição teria consequências terríveis.

Três minutos

Três minutos tinham se passado desde que o coração de Leila parara de bater, e ela então se lembrou de café com cardamomo — forte, intenso, escuro. Um gosto que sempre associaria com a rua dos bordéis em Istambul. Foi bastante estranho isso surgir logo depois de suas lembranças de infância. Mas a memória humana se parece com alguém que está alegre de madrugada por ter bebido um pouco demais: por mais que tente, não consegue andar em linha reta. Ela cambaleia por um labirinto cheio de meias-voltas, com frequência se movendo em zigue-zagues estonteantes, imune à razão e capaz de entrar no mais absoluto colapso.

Por isso, Leila se lembrou: setembro de 1967. Uma rua sem saída perto do cais, a poucos metros do porto de Karaköy, perto do Corno de Ouro, que se estendia em meio às fileiras de bordéis legalizados. Ali perto havia uma escola armênia, uma igreja grega, uma sinagoga sefardita, um santuário sufi, uma igreja ortodoxa russa — vestígios de um passado que não era mais lembrado. Aquele bairro à beira-mar, que já tivera um comércio florescente e abrigara prósperas comunidades levantinas e judaicas, e que depois se tornara o centro da indústria bancária e da indústria naval otomanas, então testemunhava transações muito diferentes. Mensagens silenciosas eram levadas pelo vento e o dinheiro trocava de mãos assim que era adquirido.

A área ao redor do porto era sempre tão cheia de gente que os pedestres tinham que andar de lado, como se fossem caranguejos. Moças de minissaia caminhavam de braços dados; motoristas

falavam gracinhas pelas janelas dos carros; aprendizes que trabalhavam nos cafés corriam para cima e para baixo, carregando bandejas de chá repletas de copos pequenos; turistas vergados sob o peso de suas mochilas olhavam ao redor como se tivessem acabado de acordar; engraxates batiam as escovas contra suas caixas de metal, decoradas com fotos de atrizes — recatadas na frente, nuas na parte de trás. Ambulantes descascavam pickles, espremiam água de conserva, assavam grão-de-bico e gritavam mais alto uns que os outros enquanto os motoristas buzinavam sem motivo nenhum. Os cheiros de tabaco, suor, perfume, fritura e, de vez em quando, de um baseado — apesar de ser ilegal — se misturavam ao ar marinho.

As ruas laterais e os becos eram rios de papel. Pôsteres socialistas, comunistas e anarquistas cobriam as paredes, convidando o proletariado e o campesinato a fazerem parte da revolução iminente. Aqui e ali, os pôsteres tinham sido rasgados, desfigurados com slogans da extrema direita e pichados com o símbolo deles: um lobo que uivava dentro de uma lua crescente. Lixeiros com vassouras velhas e expressões cansadas varriam o lixo, esgotados por saberem que novas filipetas iriam chover assim que eles virassem as costas.

A uma curta distância do cais, dando para uma avenida íngreme, ficava a rua dos bordéis. Um portão de ferro precisando de uma mão de tinta separava a rua do resto do mundo. Diante dele, havia uns poucos policiais cumprindo turnos de oito horas. Alguns visivelmente odiavam aquele trabalho: desprezavam aquela rua de má fama e todos que adentravam nela, tanto mulheres quanto homens. Expressando sua desaprovação com modos bruscos, eles mantinham o olhar fixo nos homens que se amontoavam diante do portão, loucos para entrar, mas relutando em fazer fila. Alguns policiais encaravam aquele como um trabalho

qualquer, apenas cumprindo as ordens todos os dias, mas também havia aqueles que secretamente sentiam inveja dos clientes, desejando poder trocar de lugar com eles pelo menos durante algumas horas.

O bordel onde Leila trabalhava era um dos mais antigos da área. Um único tubo fluorescente bruxuleava na entrada com a força de mil fósforos minúsculos acendendo e apagando, um após o outro. O ar era pesado por causa do aroma de perfume barato, as torneiras estavam incrustadas de calcário e o teto, coberto por manchas grudentas de nicotina e alcatrão após anos de fumaça de tabaco. As paredes da fundação eram repletas de rachaduras que pareciam uma renda intrincada, fina como as veias de um olho injetado. Sob os beirais, bem perto da janela de Leila, havia um ninho de marimbondos pendurado — redondo, misterioso, com uma consistência de papel. Um universo oculto. Às vezes ela sentia vontade de tocar o ninho, abri-lo e revelar sua perfeita arquitetura; mas sempre dizia a si mesma que não tinha o direito de mexer naquilo que a natureza tivera a intenção de manter intacto, completo.

Aquele era seu segundo endereço na mesma rua. A primeira casa era tão insuportável que, antes de completar um ano, Leila fizera algo que mais ninguém ousara fazer, nem faria depois: pegara seus poucos pertences, vestira seu único casaco bom e fora pedir refúgio no bordel ao lado. A notícia tinha dividido a comunidade em dois times: algumas pessoas disseram que ela devia ser imediatamente devolvida ao primeiro bordel, senão todas as meninas iam começar a fazer a mesma coisa, violando o código não escrito de ética no trabalho e transformando o negócio todo numa anarquia; outras disseram que, pelo que ditava a consciência, qualquer pessoa desesperada o suficiente para pedir asilo deveria ser acolhida. No

fim, a madame do segundo bordel, tão impressionada com a audácia de Leila quanto com a perspectiva dos maiores lucros que ela poderia lhe trazer, simpatizara com ela e a aceitara. Não sem antes pagar uma alta quantia para a colega, pedir-lhe as mais sinceras desculpas e prometer que aquilo nunca mais iria acontecer.

A nova madame era uma mulher de proporções largas, um andar resoluto e bochechas cheias de rugas que caíam como retalhos de couro. Ela tinha a mania de chamar todos os homens que entravam no bordel, fossem ou não clientes regulares, de “meu paxá”. Mais ou menos a cada duas ou três semanas, ia a um salão chamado Pontas Duplas, onde sempre pintava o cabelo de um tom diferente de loiro. Seus olhos eram protuberantes e afastados um do outro, o que a fazia ter uma expressão permanente de surpresa, apesar de ela raramente ficar surpresa de fato. Uma teia de veias finas saía da ponta de seu enorme nariz, como riachos descendo as encostas de uma montanha. Ninguém sabia qual era seu nome de verdade. Tanto as prostitutas quanto os clientes a chamavam de “Mãe Doce” pela frente e “Mãe Amarga” pelas costas. Ela até que era decente para uma madame, mas tinha a tendência de fazer tudo em excesso: fumava demais, falava palavrão demais, gritava demais e simplesmente era uma presença exagerada demais nas vidas de todos — uma verdadeira dose máxima.

— Este bordel foi fundado lá no século XIX — Mãe Amarga adorava dizer, com orgulho na voz. — E por ninguém menos que o grande Sultão Abdulazize.

Ela costumava ter um retrato emoldurado do Sultão atrás de sua escrivaninha — até que um dia um cliente com tendências ultranacionalistas a repreendera por isso na frente de todo mundo. O homem dissera-lhe claramente que ela não devia dizer aquelas

bobagens sobre “nossos ancestrais magnânimos e nosso passado glorioso”.

— Por que um sultão que conquistou três continentes e cinco mares ia deixar esse lugar imundo abrir em Istambul? — perguntara o homem.

Mãe Amarga gaguejara, torcendo o lenço nervosamente.

— Bom, eu acho que foi porque...

— Quem se importa com o que você acha? Você é historiadora ou o quê?

Mãe Amarga erguera as sobrancelhas recém-feitas.

— Ou quem é sabe é professora de universidade! — dissera o homem, rindo.

Mãe Amarga encurvara os ombros.

— Uma mulher ignorante não tem o direito de distorcer a história — dissera o homem, dessa vez sem rir. — Melhor você enfiar uma coisa na cabeça. Não tinha bordel legalizado no Império Otomano. Se algumas mulheres queriam se vender escondidas, deviam ser cristãs ou judias... ou ciganas pagãs. Porque fique sabendo que nenhuma muçulmana de verdade teria concordado com essa imoralidade. Iam preferir morrer de fome a vender o corpo. Até hoje em dia, claro. Tempos modernos, tempos sem recato.

Depois do sermão, Mãe Amarga, sem dizer nada, tirara o retrato do Sultão Abdulazize da parede e, no lugar, colocara uma natureza-morta de narcisos amarelos e frutas cítricas. Mas como o segundo quadro por acaso era menor do que o primeiro, o contorno da moldura do sultão tinha continuado visível, fino e pálido como um mapa desenhado na areia.

Quanto ao cliente, na vez seguinte em que ele apareceu no bordel, a madame o recebeu cheia de sorrisos e salamaleques, com

doçura e cordialidade, e ofereceu-lhe uma garota incrível que ele tinha uma sorte excepcional de não perder.

— Ela vai embora, meu paxá. Vai voltar para a vila onde nasceu amanhã de manhã. Conseguiu quitar suas dívidas. O que eu posso fazer? Disse que vai passar o resto da vida pagando penitência. “Faz muito bem”, eu acabei dizendo a ela. “Pode rezar por nós também.”

Era uma mentira descarada. A mulher em questão ia mesmo embora, mas por um motivo bem diferente. Em sua última visita ao hospital, testara positivo para gonorreia e sífilis. Foi proibida de trabalhar e obrigada a ficar longe do bordel até as infecções passarem completamente. Mãe Amarga não mencionou esse detalhe quando pegou o dinheiro do homem e o colocou na gaveta. Não tinha esquecido de como ele fora grosseiro. Ninguém tinha o direito de falar com ela daquele jeito, principalmente na frente de suas funcionárias. Pois, ao contrário de Istambul, que cultivava uma amnésia proposital, Mãe Amarga tinha uma memória excelente: lembrava de tudo o que já tinham feito com ela e aguardava o momento certo para se vingar.

Dentro do bordel, as cores eram sem graça: um marrom sem alma, um amarelo chocho e um verde insípido de resto de sopa. Assim que o *azan* da noite reverberava pelas cúpulas de metal e pelos telhados da cidade, Mãe Amarga acendia as luzes — uma fileira de lâmpadas sem lustres em tons de índigo, magenta, lilás e rubi —, e o lugar todo era banhado por uma luz estranha, como se houvesse sido beijado por uma fada insana.

Perto da entrada havia um grande cartaz escrito à mão com uma moldura de metal que era a primeira coisa que quem chegasse veria.

Ele dizia:

CIDADÃO!

Se você deseja se proteger da sífilis e de outras doenças sexualmente transmissíveis, deve seguir essas instruções:

- 1. Antes de ir para um quarto com uma mulher, peça para ver sua carteira de saúde. Veja se ela é saudável!*
- 2. Use um preservativo. Não deixe de usar um novo a cada vez. Você não vai ter de pagar caro pelos preservativos. Peça à senhoria que ela os venderá por um preço justo.*
- 3. Se você desconfiar que contraiu uma doença, não fique por aqui. Vá direto ao médico.*
- 4. Doenças transmitidas sexualmente podem ser prevenidas se você estiver decidido a se proteger e a proteger SUA NAÇÃO!*

As mulheres trabalhavam das dez da manhã até as onze da noite. Duas vezes por dia, Leila podia fazer uma pausa: meia hora à tarde e quinze minutos à noite. Mãe Amarga não gostava daquele descanso da noite, mas Leila, insistindo que tinha enxaquecas terríveis se não tomasse sua dose diária de café com cardamomo, não cedeu.

Todas as manhãs, assim que as portas se abriam, as mulheres se sentavam em cadeiras de madeira e banquinhos baixos atrás de painéis de vidro na entrada. Aquelas que tinham começado no bordel recentemente se distinguiam das mais antigas só pela postura. As recém-chegadas ficavam com as mãos sobre o colo e o olhar vago e distante, como o de um sonâmbulo que acaba de acordar num lugar estranho. Aquelas que já estavam lá havia mais tempo se moviam de maneira casual e despreocupada pelo cômodo — limpando sob as unhas, se coçando, se abanando, examinando a

pele no espelho, fazendo tranças nos cabelos umas das outras. Sem medo de olhar nos olhos, elas observavam com indiferença os homens que passavam — em grupos, em pares ou sozinhos.

Algumas das mulheres tinham sugerido costurar ou tricotar durante essa longa espera, mas Mãe Amarga não quis nem ouvir falar no assunto.

— Tricotar! Que ideia idiota! Vocês querem que esses homens fiquem lembrando das esposas chatas deles? Ou pior, das mães? Claro que não! Nós oferecemos o que eles nunca viram em casa, não mais do mesmo.

Como aquele era um dos 14 bordéis que funcionavam um ao lado do outro na mesma rua sem saída, os clientes tinham muitas opções. Eles caminhavam para cima e para baixo, paravam e davam sorrisos safados, fumavam e ponderavam, avaliando suas opções. Se ainda precisassem de tempo para pensar, paravam num ambulante e bebiam um copinho de água de conserva de pepino ou comiam um bolinho doce frito conhecido como *kerhane tatlisi*, ou “churro de bordel”. Por experiência, Leila sabia que, se um homem não se decidisse nos primeiros três minutos, não se decidiria mais. Depois de três minutos, ele voltaria a atenção para outra pessoa.

A maioria das prostitutas achava melhor não falar com os clientes, considerando suficiente mandar um beijo, dar uma piscadela, mostrar melhor o decote ou descruzar as pernas ocasionalmente. Mãe Amarga não queria que as meninas parecessem ansiosas demais. Dizia que isso barateava a mercadoria. E também não deviam ser frias como se não tivessem certeza da própria qualidade. Tinha que haver “um equilíbrio fino e sofisticado”. Não que a própria Mãe Amarga fosse uma pessoa sofisticada. Mas esperava que suas funcionárias tivessem aquilo que ela mesma não tinha nem um pouco.

O quarto de Leila ficava no segundo andar, era a primeira porta à direita. Todo mundo dizia que era o melhor lugar da casa. Não porque tivesse algum luxo ou uma vista do Bósforo, mas porque, se alguma coisa desse errado, ela poderia ser facilmente ouvida do andar de baixo. Os quartos da outra ponta do corredor eram os piores. Você podia se matar de tanto gritar que ninguém viria correndo.

Leila tinha colocado um tapete em forma de meia-lua na frente da porta para os homens limparem os sapatos. O quarto tinha poucos móveis: uma cama de casal com uma colcha de estampa floral e uma cortininha combinando ocupavam quase todo o espaço. Ao lado da cama havia um criado-mudo com uma gaveta trancada onde ela guardava suas cartas e diversos objetos que, apesar de não serem nada preciosos, tinham valor sentimental. As cortinas, puídas e desbotadas pelo sol, eram da cor de melancia cortada, e os pontinhos pretos que pareciam sementes na verdade eram queimaduras de cigarro. Num dos cantos, havia uma pia rachada e um fogãozinho a gás com um *cezve* mal equilibrado em cima; e, ao lado do fogão, um par de pantufas de veludo azul com rosetas de cetim e continhas na ponta. Aquelas pantufas eram a coisa mais linda que Leila possuía. Encostado na parede havia um armário de nogueira que não fechava direito. Lá dentro, abaixo das roupas penduradas nos cabides, havia uma pilha de revistas, uma lata de biscoito cheia de camisinhas e um cobertor com cheiro de mofo que ninguém usava havia muito tempo. Na parede em frente havia um espelho com cartões-postais enfiados na moldura: Brigitte Bardot fumando um charuto fino, Raquel Welch com um biquíni de couro, os Beatles e suas namoradas loiras sentados num tapete com um iogue indiano. Além deles, diversos lugares — o rio de uma capital cintilante à luz do sol da manhã, uma praça barroca

coberta por uma fina camada de neve, um bulevar à noite com luzes brilhantes — que Leila nunca tinha visitado, mas que ansiava por explorar um dia: Berlim, Londres, Paris, Amsterdã, Roma, Tóquio...

Era um quarto que tinha vários privilégios e que revelava o status de Leila. A maioria das outras meninas tinha muito menos conforto. Mãe Amarga gostava de Leila, em parte porque ela era honesta e trabalhava duro, e em parte porque era incrivelmente parecida com uma irmã que Mãe Amarga deixara décadas atrás nos Balcãs.

Leila tinha dezessete anos quando fora trazida para aquela rua e vendida para o primeiro bordel por um homem e uma mulher, dois criminosos que a polícia conhecia muito bem. Aquilo acontecera fazia três anos, mas já parecia ter sido em outra vida. Ela nunca falava daquela época, assim como nunca contava por que tinha fugido de casa ou como tinha chegado em Istambul sem um lugar para ficar e com apenas cinco liras e vinte kuruş no bolso. Para Leila, sua memória era um cemitério: segmentos de sua vida estavam enterrados lá em túmulos separados, e ela não tinha a menor intenção de ressuscitá-los.

Os primeiros meses naquela rua tinham sido tão cruéis, com dias que eram como uma corda prendendo-a ao desespero, que ela pensara diversas vezes em suicídio. Uma morte rápida e silenciosa — era possível. Naquela época, cada detalhe a perturbava; cada som era um trovão para os seus ouvidos. Mesmo depois de ter chegado na casa de Mãe Amarga, que era um lugar um pouco mais seguro, Leila achou que não iria conseguir seguir em frente. O fedor das latrinas, as fezes de rato na cozinha, as baratas no porão, as feridas na boca de um cliente, as verrugas nas mãos de uma das outras prostitutas, as manchas de comida na blusa da madame, as

moscas que zumbiam por todo lado — tudo a fazia sentir uma coceira incontrollável. À noite, quando deitava a cabeça no travesseiro, ela sentia um leve cheiro de cobre no ar que passara a associar a carne podre, e temia que ele estivesse lhe penetrando por debaixo das unhas, entrando em sua corrente sanguínea. Ela tinha certeza de que tinha contraído alguma doença horrível. Parasitas invisíveis rastejavam por cima e por baixo de sua pele. No *hamam* local que as prostitutas frequentavam uma vez por semana, Leila se lavava e se esfregava até seu corpo arder e ficar vermelho e, na volta, colocava suas fronhas e seus lençóis para ferver. Não adiantava. Os parasitas sempre voltavam.

— Pode ser *sicológico* — disse Mãe Amarga. — Já vi isso acontecer antes. Olha, minha casa é limpa. Se você não gosta daqui, vá embora. Mas pode apostar que isso é coisa da sua cabeça. Sua mãe também tinha mania de limpeza?

Aquilo fez Leila congelar. A coceira parou. A última coisa que ela queria era se lembrar da tia Binnaz ou daquela casa grande e solitária em Vã.

A única janela que havia no quarto de Leila dava para os fundos: um pequeno pátio com apenas um pé de bétula, atrás do qual ficava um prédio em péssimo estado e praticamente desocupado, onde só funcionava uma fábrica de móveis no térreo. Lá dentro, cerca de quarenta homens trabalhavam treze horas por dia, inalando pó, verniz e produtos químicos cujos nomes não sabiam. Metade eram imigrantes ilegais. Nenhum tinha seguro. E a maioria tinha no máximo 25 anos de idade. Não era um trabalho que se podia fazer durante muito tempo. O vapor da resina destruía os pulmões.

O chefe dos trabalhadores era um supervisor barbudo que raramente falava e nunca sorria. Às sextas, assim que ele ia para a mesquita com um *taqiyah* na cabeça e um rosário na mão, os outros homens abriam as janelas e espichavam os pescoços para espiar as putas. Não conseguiam ver muita coisa, porque as cortinas do bordel ficavam fechadas durante a maior parte do tempo. Mas não desistiam, loucos para ver de relance a curva de um quadril ou uma coxa nua. Contando vantagem uns para os outros sobre as cenas excitantes que tinham conseguido ver, eles riam; a poeira que os cobria dos pés à cabeça fazia surgirem rugas em seus rostos, tornava seus cabelos grisalhos e os deixava com a aparência não de velhos, mas de espectros presos entre dois mundos. Do outro lado do pátio, as mulheres em geral ficavam indiferentes, mas, de vez em quando, uma delas, por curiosidade ou pena — era difícil afirmar com certeza —, subitamente aparecia na janela e, se debruçando no parapeito com os peitos pesados sobre os antebraços, fumava em silêncio até o cigarro virar bituca.

Alguns dos trabalhadores tinham vozes bonitas e gostavam de cantar, se revezando como cantor principal. Num mundo que não conseguiam compreender totalmente e no qual não podiam vencer, a música era a única alegria que não custava nada. Por isso, os homens cantavam copiosamente, apaixonadamente. Em curdo, turco, árabe, farsi, pashto, georgiano, circassiano e balúchi, faziam serenatas para as silhuetas das mulheres nas janelas, figuras cercadas de mistério, mais sombra do que corpo.

Numa ocasião, comovida com a beleza da voz que estava ouvindo, Leila, que até então mantivera as cortinas firmemente fechadas, abriu-as e espiou a fábrica de móveis. Viu um rapaz olhando bem para ela e, ao mesmo tempo, cantando a balada mais triste que ela já ouvira, sobre amantes que tinham fugido para se

casar, mas tinham sido se perdido um do outro em uma enchente. Os olhos dele eram amendoados, castanho-acinzentados; seu maxilar era proeminente e, no queixo, ele tinha um furinho bem visível. Foi a doçura de seu olhar que impressionou Leila. Era um olhar não anuviado pela cobiça. O rapaz sorriu para ela, revelando dentes brancos perfeitos, e Leila, sem conseguir se conter, retribuiu o sorriso. Aquela cidade sempre a surpreendia: momentos de inocência estavam ocultos nos cantos mais obscuros — momentos tão efêmeros que, quando ela se desse conta de quão puros eram, já teriam passado.

— Qual é o seu nome? — gritou ele, mais alto do que o vento.

Leila contou.

— E o seu?

— O meu? Eu ainda não tenho nome.

— Todo mundo tem nome.

— Bom, é verdade... mas eu não gosto do meu. Por enquanto, você pode me chamar de *Hiç*: Nada.*

Na sexta-feira seguinte, quando Leila olhou de novo, o rapaz não estava lá. Nem uma semana depois, nem duas. Por isso, ela presumiu que ele tinha sumido para sempre: aquele homem estranho feito de uma cabeça e meio torso, emoldurado pela janela como um quadro de outro século, como se fosse fruto da imaginação de outra pessoa.

Mas Istambul continuava a surpreendê-la. Exatamente um ano mais tarde, Leila o encontraria de novo — por acaso. Só que, dessa vez, Nada era uma mulher.

Àquela altura, Mãe Amarga tinha começado a mandar Leila se encontrar com seus queridos clientes. Embora o bordel fosse sancionado pelo governo e todas as transações ocorridas dentro dele fossem legais, o que acontecia do lado de fora acontecia sem

licença — e, portanto, livre de impostos. Com essa empreitada, Mãe Amarga estava correndo um risco considerável, embora lucrativo. Se ela fosse descoberta, seria processada e, provavelmente, mandada para a cadeia. Mas Mãe Amarga confiava em Leila e sabia que, mesmo que ela fosse pega, não contaria à polícia para quem estava trabalhando.

— Você tem boca de siri, não é? Boa menina.

Certa noite, a polícia fez uma batida em dúzias de boates, bares e bordéis sem licença em ambos os lados do Bósforo, e dezenas de menores, usuários de drogas e profissionais do sexo foram presos. Leila ficou sozinha numa cela com uma mulher alta e corpulenta que, depois de lhe dizer que se chamava Nalan, desabou num dos cantos, cantarolando, distraída, e batucando um ritmo na parede com as unhas compridas.

Leila provavelmente não a teria reconhecido se não fosse pela canção familiar — aquela mesma velha balada. Curiosa, ela examinou a mulher, vendo os olhos castanhos brilhantes e cálidos, o maxilar quadrado, o furinho no queixo.

— Nada? — perguntou Leila, aspirando o ar depressa, incrédula. — Você se lembra de mim?

A mulher inclinou a cabeça para um lado, com uma expressão inescrutável que durou um segundo. Então, com um sorriso cativante que iluminou seu rosto, ficou de pé num pulo, quase batendo a cabeça no teto baixo.

— Você é a menina do bordel! O que você está fazendo aqui?

Na noite que passaram presas, sem conseguir dormir nos colchões cheios de manchas, elas conversaram, primeiro na escuridão, depois à meia-luz da alvorada, fazendo companhia uma para a outra. Nalan explicou que, quando elas se conheceram, tinha aquele emprego temporário na fábrica de móveis e estava

economizando dinheiro para um tratamento de mudança de sexo, que acabara sendo mais árduo e caro do que ela esperara — *e seu cirurgião plástico era um tremendo escroto*. Mas Nalan tentava não reclamar, pelo menos não alto demais, porque, *puta merda*, estava decidida a fazer o processo todo. Tinha passado a vida inteira presa num corpo que lhe parecia tão pouco familiar quanto uma palavra estrangeira na língua. Nalan tinha nascido numa família endinheirada de fazendeiros e criadores de ovelha na Anatólia Central e vindo para aquela cidade para corrigir o erro que Deus Todo-Poderoso obviamente cometera.

De manhã, embora suas costas doessem por ter passado a noite sentada e suas pernas estivessem pesadas como troncos, Leila sentiu que um peso tinha sido tirado de suas costas. Ela quase se esquecera daquela sensação de leveza que a inundava naquela ocasião.

Assim que foram soltas, Leila e Nalan foram para uma loja de *börek*, precisando urgentemente de uma xícara de chá. Mas não tomaram uma xícara — tomaram muitas. Depois daquele dia, nunca mais perderam contato e passaram a se encontrar regularmente na mesma lanchonete de esquina. Percebendo que tinham muito a dizer uma para a outra mesmo quando estavam separadas, elas começaram a se corresponder. Nalan com frequência mandava para Leila cartões-postais escritos com esferográfica, cheios de erros de ortografia, enquanto Leila preferia papel de carta e usava uma caneta-tinteiro para traçar a letra bonita e cuidadosa que aprendera anos atrás na escola em Vã.

De vez em quando, ela largava a caneta e pensava na tia Binnaz, lembrando de seu pavor mudo do alfabeto. Leila tinha escrito para a família várias vezes, mas nunca tinha recebido uma resposta. Ela se perguntava o que eles faziam com suas cartas — será que guardavam numa caixa escondida ou será que rasgavam? Será que o

carteiro as levava de volta — e, nesse caso, onde elas iriam parar? Tinha que haver um lugar, um destino obscuro, para as cartas que ninguém queria e ninguém lia.

★ ★ ★

Nalan morava num porão úmido na rua dos Fazedores de Caldeirões, não muito longe da Praça Taksim. Era um apartamento com o assoalho desnivelado, as molduras das janelas tortas e as paredes inclinadas: tão estranho que só podia ter sido projetado por um arquiteto drogado. Vivia lá com outras quatro mulheres trans e um casal de tartarugas — Tutti e Frutti — que só ela parecia capaz de distinguir uma da outra. Sempre que caía uma tempestade, parecia que os canos iriam estourar ou que as privadas iriam transbordar. Mas, por sorte, como Nalan dizia, Tutti e Frutti sabiam nadar bem.

Como “Nada” não era um apelido ideal para uma mulher tão assertiva quanto Nalan, Leila decidiu chamá-la de “Nostalgia” — não porque Nalan ficasse com os olhos marejados ao pensar no passado, que ela claramente tinha ficado feliz em deixar para trás, mas porque tinha muita saudade do interior. Sentia falta do campo e de sua cornucópia de aromas, e era louca para dormir ao ar livre, sob um céu generoso. Lá, não teria que tomar cuidado o tempo todo.

Cheia de energia e vivacidade, feroz com seus inimigos, fiel a quem mais amava: Nalan Nostalgia — a amiga mais corajosa de Leila.

Nalan Nostalgia, uma dos cinco.

Nota

* *Hiç*: pronuncia-se “ritch”. (N. A.)

A história de Nalan

Antigamente, e por muito tempo, Nalan se chamava Osman e era o filho mais novo de uma família de fazendeiros da Anatólia. Recendendo a terra recém-remexida e ervas frescas, ele passava os dias ocupado: arando campos, criando galinhas, cuidando das vacas leiteiras, certificando-se de que as abelhas que produziam o mel sobrevivessem ao inverno... Uma abelha podia trabalhar a vida toda só para produzir mel o suficiente para encher a ponta de uma colher de chá. Osman se perguntava o que iria criar naquela vida, e a pergunta ao mesmo tempo o animava e o deixava apavorado. A noite chegava cedo na vila. Depois que escurecia, assim que seus irmãos mais velhos iam dormir, Osman ficava sentado na cama ao lado da lamparina de vime. Devagar, movendo as mãos de um lado para o outro ao som de uma melodia que só ele conseguia ouvir, formava sombras que dançavam na parede em frente. Nas histórias que Osman inventava, ele sempre ficava com o papel principal — uma poeta persa, uma princesa chinesa ou uma imperatriz russa. As personagens mudavam muito, mas uma coisa era sempre igual: em sua mente, ele sempre era uma menina, nunca um menino.

Na escola, as coisas não podiam ser mais diferentes. A sala de aula não era um lugar de histórias. Era um lugar de regras e repetições. Com dificuldades para soletrar certas palavras, aprender poemas de cor ou recitar orações em árabe, ele não conseguia acompanhar as outras crianças. O professor — um homem frio e azedo que andava pela sala de aula com uma régua de madeira na

mão, usando-a para bater em estudantes que se comportassem mal — não tinha paciência com Osman.

Todo semestre, quando eles encenavam peças patrióticas, os alunos populares competiam pelos papéis de heróis de guerra turcos enquanto o resto da turma tinha que ser o exército grego. Mas Osman não se importava de ser um soldado grego — bastava você morrer depressa e ficar deitado quietinho no chão pelo resto da peça. Mas se importava, *sim*, com as provocações e o bullying que sofria todos os dias. Tudo tinha começado quando um dos meninos, ao vê-lo descalço, notara que ele tinha pintado as unhas dos pés. *Osman é bichinha!* Depois que você ganhava esse rótulo, poderia muito bem entrar na sala de aula toda manhã com um alvo pintado na testa.

Seus pais tinham dinheiro e propriedades, e poderiam ter mandado os filhos para estudar em escolas melhores, mas seu pai, que não confiava na cidade grande e nas pessoas que moravam lá, preferiu que eles aprendessem a trabalhar a terra. Osman sabia os nomes das plantas e das ervas tão bem quanto as crianças da sua idade na cidade sabiam os nomes de cantores de música pop e artistas de cinema. A vida era previsível e estável, uma cadeia confiável de causa e efeito: o humor das pessoas dependia de quanto dinheiro elas ganhavam, o dinheiro dependia das colheitas, as colheitas dependiam das estações, as estações estavam nas mãos de Alá e Alá não precisava de ninguém. A única vez que Osman saiu desse ciclo foi quando foi fazer o serviço militar obrigatório. No exército, ele aprendeu a limpar um rifle, a carregar uma arma, a cavar uma trincheira, a atirar uma granada de um telhado — habilidades das quais esperava nunca precisar de novo. Todas as noites, no dormitório que dividia com 43 outros soldados, Osman morria de vontade de encenar seu velho teatro de sombras, mas lá

não havia nem uma parede em branco nem um lampião a óleo encantador.

Quando Osman voltou, sua família estava exatamente igual. Mas ele tinha mudado. Sempre soubera que, por dentro, era uma mulher, mas a provação do exército achatara tanto sua alma que, estranhamente, ele sentiu coragem de viver sua vida de um jeito verdadeiro. Por um acaso do destino, foi nessa época que sua mãe decidiu que já estava na hora de Osman se casar e lhe dar netos, embora ela já tivesse montes deles. Apesar das objeções dele, ela pôs-se a procurar uma esposa adequada.

Na noite do casamento, enquanto os convidados batiam palmas ao ritmo dos tambores tocados pelos músicos e a jovem noiva aguardava num quarto no andar de cima com o vestido já meio aberto, Osman fugiu. Ouviu ao longe um bufo-real piar e um alcaravão assobiar, sons que lhe eram tão familiares quanto sua própria respiração. Caminhou dezenove quilômetros até a estação mais próxima e pulou no primeiro trem para Istambul, para nunca mais voltar. No começo, Osman deu duro, trabalhando como massagista num *hamam* cuja higiene era ruim e a reputação, pior ainda. Logo depois, começou a limpar os banheiros da estação de trem Haydarpaşa. Foi nesse último emprego que Osman formou a maioria de suas opiniões sobre os outros seres humanos. Ninguém deveria tentar filosofar sobre a natureza humana até trabalhar num banheiro público e ver as coisas que as pessoas faziam só porque podiam — destruir os canos das paredes, quebrar maçanetas, pichar desenhos nojentos por toda parte, fazer xixi nas toalhas de mão, depositar imundícies de todos os tipos em todos os cantos, sabendo que outra pessoa teria que limpá-las.

Aquela não era a cidade que ele imaginara e, com certeza, essas não eram as pessoas com quem desejava compartilhar as avenidas e

ruazinhas. Mas era só ali em Istambul que Osman podia se transformar por fora na pessoa que realmente era por dentro. Então, ele ficou ali e perseverou.

Osman não existia mais. Havia apenas Nalan, sem caminho de volta.

Quatro minutos

Quatro minutos depois que seu coração parou de bater, uma lembrança efêmera surgiu na mente de Leila, trazendo consigo o cheiro e o gosto de melancia.

Agosto de 1953. Era o verão mais quente em décadas, segundo a mamãe. Leila ficou cismando sobre a ideia de uma década: quanto tempo era isso? Sua noção de tempo escorreu-lhe pelos dedos como fitas de seda. No mês anterior, a Guerra da Coreia tinha terminado e o irmão da titia tinha voltado a salvo para a vila. Agora, a titia tinha outras preocupações. Ao contrário da última, aquela gravidez parecia estar indo bem, a não ser pelo fato de que ela passava mal dia e noite. Com ataques severos de náusea, quase nada parava no seu estômago. E o calor não estava ajudando. Baba sugeriu que eles saíssem de férias. Que fossem para algum lugar no Mar Mediterrâneo: uma mudança de ares. Ele também convidou o irmão, a irmã e suas famílias.

Espremendo-se num micro-ônibus, eles foram para uma vila pesqueira na costa sudeste do país. Eram doze pessoas no total. O tio, sentado ao lado do motorista com a luz alegre do sol lhe iluminando o rosto, contou histórias engraçadas sobre sua época de estudante e, quando as histórias acabaram, começou a cantar hinos patrióticos, insistindo para que todos fizessem o mesmo. Até Baba obedeceu.

O tio era alto e esbelto, com o cabelo raspado bem rente e olhos azuis-acinzentados com longos cílios que se curvavam na ponta. Todo mundo dizia que ele era bonito, e era possível ver como

ouvir o mesmo elogio a vida toda tinha afetado seu comportamento. Ele tinha uma autoconfiança que visivelmente faltava aos outros membros da família.

— Olhem só para nós, a grande família Akarsu na estrada! A gente poderia formar um time de futebol — disse o tio.

Leila, que estava sentada no banco de trás com a mãe, exclamou:

— Um time de futebol tem onze jogadores, não doze!

— É mesmo? — disse o tio, olhando para ela por cima do ombro. — Então, nós somos os jogadores e você é a técnica. Pode mandar na gente e nos obrigar a fazer qualquer coisa. Estamos às suas ordens, senhora.

Leila deu um sorriso radiante, deliciada com a ideia de ser quem mandava pela primeira vez. Durante o resto da viagem, o tio continuou com a brincadeira. Em todas as paradas, ele abria a porta para ela, trazia-lhe refrescos e biscoitos e, depois que choveu um pouco à tarde, carregou-a no colo para que não sujasse os sapatos numa poça.

— Ela é técnica de futebol ou a rainha de Sabá? — perguntou Baba, observando de longe.

O tio respondeu:

— Ela é a técnica do nosso time de futebol e a rainha do meu coração.

E isso fez todo mundo sorrir.

Foi uma viagem longa e lenta. O motorista fumava cigarros enrolados por ele próprio e uma fumaça fina o envolvia, formando sobre sua cabeça mensagens em letra cursiva que ninguém lia. Lá fora, o sol ardia. Dentro do ônibus, o ar parecia embolorado, sufocante. Leila manteve as mãos debaixo das pernas para não deixar o vinil do assento queimar as partes de trás das suas coxas,